

RESUMO

A biografia e a obra de Marcelino António da Silva Mesquita (Cartaxo, 1.09.1856/ Lisboa, 7.07.1919) constituem o objecto desta dissertação. Trata-se de um estudo inserido no âmbito da história do património cultural português, com destaque para as temáticas da história local e da memória pública. Procura-se dar uma visão de conjunto sobre a vida e a personalidade do homem, enquanto cidadão, num esforço para trazer à luz do conhecimento actual alguns elementos inéditos. Refere-se a sua importância enquanto escritor, destacando-se a actividade de dramaturgo, em que é bastante conhecido, desenvolvendo-se também uma análise sobre a sua participação na imprensa periódica. Com base na evolução do pensamento contemporâneo sobre a preservação do património cultural e no alargamento dos conceitos e critérios sobre o assunto, pretende-se salientar ainda o significado da celebração da vida e obra do cidadão, enquanto exemplo de património imaterial.

Palavras associadas: património, património cultural, património imaterial, memória, memória pública, memória colectiva, biografia.

ABSTRACT

Marcelino António da Silva Mesquita's work and biography (Cartaxo, 1.09.1856/Lisbon, 7.07.191), are the object of this dissertation. It's a study included in the history of the Portuguese cultural inheritance, standing out the local history thematic and the public memory. We look to give an assembling view of the life and personality of the man, while citizen, in an effort to bring to light of the actual knowledge some unknown aspects oh his character. We stand up for his importance while a writer, standing out his activity as a play-writer, in which field he is very known, also developing an analysis of his work of his participation on the periodical press. With basis in the evolution of the present-day thinking about the cultural patrimonial preservation and in the enlargement of concepts and standards of this matter, we pretend to emphasize the mining of the celebration of the life and work of the citizen, while an example of immaterial patrimony.

Associated words: patrimony, cultural inheritance, immaterial patrimony, memory, public memory, collective memory, biography.

AGRADECIMENTOS

A primeira frase que nos vem à memória é uma célebre quadra do poeta popular António Aleixo: “*Eu não tenho vistas largas/ Nem grande sabedoria/ Mas dão-me as horas amargas/ Lições de filosofia*”. Cruzando este pensamento com o de Alberto Caeiro¹, chega-se ao ponto de partida ideal para qualquer pesquisa: a consciência de que nada se sabe e de que tudo se pode esquecer.

Principiamos por estender a nossa gratidão à Professora Doutora Maria Isabel João que, numa primeira fase, nos induziu à selecção do tema que desenvolvemos e, em muitas outras fases subsequentes, se disponibilizou para nos prestar todo o apoio e orientação científica, incentivando-nos e estimulando-nos nos momentos de maior desânimo.

Em segundo lugar, mas não necessariamente num plano secundário, sentimo-nos especialmente gratos a uma panóplia de gente, associada ao nosso universo afectivo: colegas (e docentes) do primeiro curso de Mestrado em Estudos do Património, amigos que não nos privaram do conforto espiritual e, muitas vezes, logístico, familiares que se mostraram empenhados em ver este barco chegar a bom porto, alunos e parceiros de trabalho, que nos mantiveram despertos para o gosto pelo exercício prático da aprendizagem, enquanto pedra basilar de todo o conhecimento.

Todavia, o nosso agradecimento especial concentra-se naqueles que, abnegadamente, nos ajudaram, com as suas elevadas qualidades técnicas e competências, à organização e montagem dos vários elementos do trabalho, nas suas diversas etapas.

¹ “A espantosa realidade das coisas é a minha descoberta de todos os dias”, (*Poemas Inconjunctos*, 1913-1915).

ÍNDICE

1- Introdução	6
2- A biografia de Marcelino Mesquita: traços essenciais	14
2.1 - Infância e juventude	14
2.2 - Em busca de afirmação	27
2.3 - A face oculta	44
2.4 - Regresso às origens	53
3- Uma figura do património cultural português	75
3.1- O escritor e dramaturgo	75
3.2- A intervenção cívica e política	90
3.2.1- O cronista	90
3.2.1.1- <i>N'O Pae Anselmo</i>	92
3.2.1.2- <i>No Diário Ilustrado</i>	105
3.2.2- O proprietário e director de periódicos	120
3.2.2.1- <i>O Chronista</i>	120
3.2.2.2- <i>A Comedia Portuguesa</i>	137
3.2.2.3- <i>O Portugal</i>	147
3.3. Recordação e celebração da vida e obra	159
4- Conclusão	181

5- Cronologia possível	189
5.1- Vida	189
5.2- Post-mortem	197
Fontes e Bibliografia	199
Anexos:	
Antologia	I
Iconografia	XLV

Quando o meu insignificante trabalho, ressaibar o pretencioso d'estas edêas, alguem ficará no direito de rir da minha ignorancia, mas a ninguem permitto o duvidar da minha sinceridade.

(Marcelino Mesquita, *Hysteria, These Inaugural Apresentada e Defendida Perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa*, Lisboa, Typographia Minerva Central, 1884)

Na sua evolução dinâmica, o pensamento contemporâneo sobre a preservação do património cultural tem-se alargado a novas áreas do conhecimento e vem incorporando novos conceitos e critérios.

(...)

Já não é apenas o culto das velhas pedras que move as comunidades no interesse que vêm manifestando pelas políticas patrimoniais. É antes uma luta vital de procura de um novo equilíbrio com o meio envolvente, natural ou construído.

Lopes, Flávio, “Evolução do pensamento contemporâneo através da leitura de normas internacionais”, in idem e Correia, Miguel Brito, *Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, pp.23-40.

1. Introdução

Imponente, de costas voltadas para a fachada da Câmara Municipal do Cartaxo, ergue-se uma estátua em bronze concebida por Leopoldo de Almeida, inaugurada em 2 de Dezembro de 1956. No plinto de mármore, em letras outrora douradas, pode ler-se a seguinte inscrição: “A Marcelino Mesquita, dramaturgo, 1856-1956. O Estado, o Município, o Povo. Iniciativa do *Notícias do Cartaxo*”. A figura corrobora quem lhe atribuiu os apodos de *Cyrano*, *D’Artagnan*, mosqueteiro das letras, com o seu bigode de pontas voltadas para cima, barbicha em bico, ou, como mais do que uma vez se escreveu e leu, mefistofélica, a cabeça coberta por um elegante chapéu de abas reviradas, polegar da mão direita enfiado na cava do colete sob uma casaca amplamente desabotoada, mão esquerda parcialmente escondida no bolso da calça apertada. A extraordinária parecença com o original explica o entusiasmo da octogenária Palmira Bastos, na cerimónia do descerrar do monumento: “É ele mesmo! É o Marcelino Mesquita!”.¹

Indiferente à passagem das décadas, às intempéries e catástrofes, à própria tentação vandalista dos viandantes e à transformação da paisagem circundante, o objecto conquistou o espaço, como se o pretendesse dominar eternamente. Atrás de si desapareceram para sempre os anteriores Paços do Concelho² com a sua característica Torre do Relógio, por sua vez, sucedâneos de um antigo convento franciscano. Ergueu-se depois, em 1982, no mesmo chão, o actual edifício de traça arquitectónica adaptada às necessidades e gostos da época. À sua frente, ainda bem recentemente se apagaram os últimos vestígios do que se julgava ser o local onde Garrett se terá apeado para se refrescar de uma virtual viagem à capital ribatejana: o mítico *café do Cartaxo*.³

O notável cartaxense que atravessou a vida entre a primavera da Regeneração e o ocaso da Primeira Guerra Mundial,⁴ serviu de inspiração à elaboração de uma dissertação integrada no Mestrado em Estudos do Património.

¹ *Notícias do Cartaxo*, Ano III, nº 64, 25 de Dezembro de 1956.

² Por acção de um incêndio ocorrido em Dezembro de 1970.

³ Cf. Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, Lisboa, Ulisseia, 2002 (13ª edição).

⁴ O tratado de Versailes foi assinado poucos dias antes do seu falecimento.

A primeira razão que motivou a opção por um tema associado ao património imaterial foi a recente comemoração oficial do centésimo quinquagésimo⁵ aniversário do nascimento por iniciativa do Município cartaxense. Trata-se de uma figura inscrita nos anais da História da Cultura, na sua vertente literária, ou, mais especificamente, dramática, mas que não logrou, por assim dizer, um estatuto de protagonista. A nível local, porém, a comunidade acolhe-o e celebra-o como um ícone a preservar para a projecção das mais-valias do concelho, quer a nível espacial, tendo em vista o impacto junto de outros horizontes geográficos, outras regiões, do país, da lusofonia, do mundo, quer a nível temporal, visando a transmissão do conhecimento dos valores locais às gerações presentes e vindouras.

Dando razão à perspectiva de Augusto Sá da Costa, aquando da inauguração da biblioteca pública da sua terra natal, Marcelino Mesquita estará para a cultura assim como o vinho para a economia, ou seja, nenhum dos dois é incompatível e ambos são necessários à valorização do concelho.⁶ Na realidade, a qualidade do produto vinícola consagrou a fama do Cartaxo a nível nacional e internacional, como atestam os cancioneros medievais, o teatro vicentino ou o romance garretiano.⁷ Do impacto criado pela actividade do dramaturgo entrever-se-ia, de igual modo, um contributo para o desenvolvimento cultural e artístico da região.

A escolha de uma figura pública como tema desta dissertação assume-se como um exemplo de objecto patrimonial imaterial em condições de constituir matéria de preservação. Paraphraseando Pierre Nora,⁸ a tomada de consciência da aceleração do processo histórico transforma-se num factor imprescindível para a apreensão rápida do passado em extinção. Esse processo é fundamental para a

⁵ Há quem prefira, talvez por economia de termos, a designação de “sesquicentenário” (comemoração de um facto ocorrido há cento e cinquenta anos). Cf. Dicionário in <http://www.priberam.pt>, consultado em 22/2/2009 às 12h13’.

⁶ O famoso livreiro, natural do Cartaxo e donatário de uma vasta colecção de livros terá proferido, na ocasião do Centenário de Marcelino: “Se ao lado de um copo de vinho houvesse um livro a ensinar a elevar o indivíduo frequentador da taberna, estou convencido de que alguma coisa se aproveitaria”. *Notícias do Cartaxo*, Ano III, nº 63, 2.12.1956.

⁷ Cf. “A importância do vinho do Cartaxo ao longo dos séculos” in Cruz, Ana, *O Concelho do Cartaxo: o Vinho, a Terra e o Tejo*, pp. 23 ss.

⁸ Nora, Pierre, “Entre Mémoire et Histoire: la Problématique des Lieux”, *Les Lieux de Mémoire, Bibliothèque Illustrée des Histoires*, Paris, Éditions Gallimard, vol. I, 1984, pp. XVII-XLII.

manutenção do equilíbrio entre passado e presente, na medida em que dele depende o sentido de continuidade vital para a perspectivização do futuro.⁹

A existência de lugares de memória enquanto testemunhos ou sinais efémeros ou artificiais de um tempo que passa, impõe-se como factor necessário à criação de formas convencionais de a armazenar, para que seja possível encontrá-la disponível no futuro. Nesse aspecto, quer a Biblioteca Municipal Marcelino Mesquita, quer o espólio do dramaturgo que aí se encontra guardado, funcionam como repositórios que asseguram a perpetuação da memória, impedindo a sua desagregação e contribuindo para que a história exerça o seu estatuto de apropriação do sentido e justificação desses lugares.

Para James Fentress e Chris Wickham, “a memória é um processo complexo” que envolve o uso de uma certa quantidade de vocábulos para a descrever (reconhecer, recordar, evocar, registar, comemorar...), revelando que o conceito é de tal forma abrangente que pode conter “desde uma sensação mental altamente privada e espontânea (...) até uma cerimónia pública solenizada”.¹⁰ Na elaboração deste trabalho pretende-se evidenciar a tomada de consciência da importância do *fenómeno memória* como objecto cada vez mais privilegiado do estudo da História, numa tentativa de contrariar a tendência para a rápida desvalorização da história da memória nas sociedades ditas ocidentais.

Corroborando o raciocínio de Maria Isabel João, o valor do acto mental de recordar entende-se também como uma espécie de instinto de sobrevivência colectiva, na medida em que a amnésia conduz à perda dos referentes que permitem aos indivíduos o reconhecimento da sua própria identidade e da dos outros: “os grupos [...] precisam de possuir um conjunto de recordações e de referências comuns para se identificarem como colectividade”.¹¹

O conceito operatório de “lugares de memória” firmado por Nora e reproduzido pela mesma autora,¹² ajusta-se à natureza do objecto que se pretende tratar. A evocação de Marcelino Mesquita estabelece a possibilidade de afirmação colectiva de uma identidade, em três frentes memoriais distintas: topográfica

⁹ Nora, Pierre, *op.cit.*, ibidem.

¹⁰ Fentress, FENTRESS, James & WICKHAM, Chris, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, 1994, p. 8.

¹¹ Cf. “Memória, História e Educação” in *Noroeste. Revista de História*, 1, Núcleo de Estudos Históricos, Universidade do Minho, 2005, p 81.

¹² Cf. idem, *op.cit.*, p.91.

(toponímia em algumas localidades portuguesas,¹³ designação de estabelecimentos de ensino, uma biblioteca e um arquivo e referências em museus¹⁴); simbólica (comemorações do 100º aniversário do seu nascimento, em 1956, do 140º, em 1996 e do 150º, em 2006¹⁵ e atribuição do seu nome a um prémio no campo da produção literária na modalidade de teatro pela Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos¹⁶); funcional (referências em obras de consulta no âmbito da História da Literatura, do Teatro, denominação de um grupo de teatro amador).¹⁷

Segundo Françoise Fortunet,¹⁸ entende-se que conferir um conjunto de atributos a uma pessoa converte-a num todo, que, por sua vez, se transforma num atributo próprio do sujeito. À luz desta concepção, Marcelino Mesquita é uma identidade compósita, na medida em que a vida lhe conferiu um conjunto de atributos (médico, escritor, dramaturgo, periodista) que, por sua vez, o transformam numa individualidade complexa, susceptível de ser estudada *per si*, naturalmente perspectivada no espaço e no tempo em que viveu. Tendo em atenção que o discurso da memória é sempre uma reelaboração da realidade, ela própria nunca totalmente captável, procura-se apreender a personagem tendo em conta a integridade e a indivisibilidade do sujeito.

A opção pelo estudo da memória pública de uma figura, não pode deixar de contemplar a sua biografia essencial e o que possui de mais representativo a sua obra. Partindo da primeira dessas componentes - a vida - desenvolve-se o primeiro grande núcleo, dividido em quatro subcapítulos interligados. O primeiro (infância e juventude), corresponde a um período aproximado de vinte e oito anos, abrangendo a sua vida desde a fase inicial até ao culminar da licenciatura em Medicina, em 1884. O segundo e o terceiro momentos, correspondem a dois períodos relativamente breves, mas indubitavelmente conturbados e intensos da vida de Marcelino: o da definição de uma carreira (em busca de afirmação) e o da

¹³ Existe também uma Rua Marcelino Mesquita no Rio de Janeiro. *Vide*, p. 155.

¹⁴ No Museu Nacional do Teatro existem objectos relacionados com o dramaturgo (adereços de cena, croquis de cenários, programas e folhas de sala...); de igual modo no Museu Rafael Bordalo Pinheiro se podem encontrar cartas, caricaturas e diverso material iconográfico.

¹⁵ Cf. pp. 166 -168, 152-154 e 172.

¹⁶ Cf. pp. 155-156.

¹⁷ Amadores de Teatro Marcelino Mesquita, integrado na Casa do Povo do Cartaxo.

¹⁸ Cf. Fortunet, Françoise, “La Théorie Juridique du Patrimoine” in Rousso, Henry, (Dir.) *Le Regard de l’Histoire*, Paris, Fayard/Monum. Éditions du Patrimoine, 2003, p. 43.

consumação de um percurso pessoal à margem dos parâmetros pré-estabelecidos (a face oculta). Em termos práticos, são focados, primeiramente, os anos de 1885 a 1889, fase em que ocorre o regresso ao Cartaxo, o enlace nupcial e a fundação de um periódico local, seguido pelo regresso à capital, a vida fugaz de uma descendente e o início das atribuições matrimoniais.

Em segundo lugar, o período de 1890 a 1892, em que se destacam a consumação de uma relação extraconjugal, a ruptura do casamento, o nascimento de uma filha natural e a passagem pelas bancadas parlamentares. O quarto subcapítulo (regresso às origens) volta a contemplar um período biográfico bastante extenso, iniciado numa fase em que o dramaturgo decide organizar a sua vida em torno de dois espaços - o campo e a cidade - e termina pelo passamento.

Em termos mais específicos, pretende-se fixar os traços essenciais da biografia marceliniana, num primeiro lance, alargando o conhecimento sobre a vida do homem e da sua obra, e, posteriormente, contribuindo para a resolução de dúvidas e imprecisões na memória publicada sobre o mesmo até ao presente. Diversos autores se têm vindo a debruçar sobre o tema, ainda que de forma parcelar, a partir de várias perspectivas, quer de âmbito local e regional,¹⁹ quer nacional.²⁰

Há, nesta abordagem, factos que se tentam destrinçar, apesar da relatividade da sua importância, ou do peso relativo que representam, como, por exemplo, os que dizem respeito às relações familiares e aos aspectos financeiros da vida de Marcelino e sua família. Os casos mais evidentes são os que dizem respeito à vida das pessoas mais próximas: os pais, os irmãos, as mulheres com quem se relacionou, os amigos mais chegados. Neste ensejo destaca-se uma particularidade que apenas recentemente foi corrigida: o desempenho do cargo de

¹⁹ Com destaque particular para os estudos do Dr. Aurélio Marques, professor reformado do Ensino Secundário, autor de uma brochura e colaborador na publicação comemorativa dos 150 anos, editada pela Câmara Municipal do Cartaxo. Cf. Bibliografia.

²⁰ A título de exemplo, CRUZ, Duarte Ivo, *Introdução à História do Teatro Português*, Lisboa, Guimarães Editores, 1983 e *História do Teatro Português*, Lisboa, Editorial Verbo, 2001; REIS, Carlos e RIBEIRO, Maria Aparecida, *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI (Realismo e Naturalismo), Lisboa, Editorial, Verbo, 1993; COELHO, Jacinto do Prado (Dir.), *Dicionário de Literatura*, 2º e 4º vols., Porto, Figueirinhas, 1978, 3ª edição; LOPES, Óscar e Saraiva, António José, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 2005, 17ª edição (corr. e actual.); REBELO, Luiz Francisco, *História do Teatro Português*, col. Saber, Lisboa, Pub. Europa-América, s.d., 3ª edição (rev. e aum.); CABRAL, MOTTA, *Notas Solitas Sobre Marcelino Mesquita*, (obra patrocinada pela Comissão do I Centenário do Nascimento de Marcelino Mesquita) Cartaxo, edição do *Notícias do Cartaxo*, 1956; SAMPAIO, Albino Forjaz (Dir.) *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925.

deputado, entre 1890 e 1892, diz respeito ao círculo da Guarda e não ao do Cartaxo, como tem sido habitualmente referido.²¹

O primeiro capítulo aspira ainda a revisitar o quotidiano de Marcelino, na cidade de Lisboa, na vila do Cartaxo, ou noutros espaços geográficos. Procura-se traçar os seus movimentos a partir dos locais onde reside, principalmente na capital, entre a Escola Médico-Cirúrgica e os cafés, a redacção dos jornais, o teatro, o Grémio Literário, o Palácio das Cortes, tentando calcular o tempo que lhe resta para o exercício da Medicina, perscrutando, se possível, os locais onde encomenda os seus fatos ou adquire o seu tabaco.

Um espólio documental intacto, sem qualquer tipo de tratamento arquivístico, recolhido junto do recheio da casa de António Ressano Garcia, neto do dramaturgo, vem enriquecer o tratamento biográfico que se pretende delinear, trazendo alguma luz sobre uma área desconhecida da vida do dramaturgo. Do nosso conhecimento, exceptuando os cronistas locais, apenas Motta Cabral, repórter do *Diário de Lisboa*, que visitou a quinta de Marcelino, em 1924, se refere à sua vida privada.²² O manuseamento desta documentação centra-se no interesse por detalhes que ajudem ao conhecimento e compreensão da sensibilidade e da mentalidade da figura a que se reporta. De caminho, obtém-se uma visão parcial de uma vivência encoberta, mas não propriamente sonogada, de uma relação de companheirismo que não poderia ter sido assumida de forma diferente, devido aos parâmetros institucionais e sociais da época.

A correspondência mencionada, que se espera venha a ser, oportunamente, preparada arquivisticamente para que possa vir a constituir objecto de futuros estudos, tem ainda o mérito de permitir uma reconstituição do(s) ambiente(s) e dos sentimentos marcelinianos, se assim se pode dizer, na medida em que faculta notas, comentários, pequenas descrições sobre os elementos, onde se insere o emissor, sejam relacionados com o espaço rural - os lugares, as pessoas, as plantas e animais - sejam pertencentes ao espaço citadino, como acima ficou dito. Além do mais, o referido material permite a obtenção de pormenores sobre as

²¹ As referências à faceta política e parlamentar são breves e ocasionais. Maria Filomena Mónica associa fidedignamente o mandato parlamentar, porque consultou a fonte mais segura: o *Livro de Registo do Pessoal Político da Câmara dos Senhores Deputados*. Cf. idem, *Dicionário Biográfico Parlamentar*, vol. II, pp. 928, 929.

²² Foi recebido por D. Alexandrina Ferreira. Vide p. 159.

expectativas, sonhos e projectos, alguns dos quais não se chega a perceber porque não são concretizados.

O segundo corpo da dissertação, de maior fôlego, tem por objecto o lugar ocupado pela multifacetada figura de Marcelino Mesquita no quadro do património cultural português. Sudivide-se em três planos essenciais, com destaque para o segundo, muito focado na imprensa periódica portuguesa num período relativamente circunstrito (1883 a 1903). Corresponde, por conseguinte, ao período da mais intensa e diversificada actividade do famoso cartaxense. Concretizando, principia o segundo capítulo pelo destaque da sua importância como escritor, ou, mais particularmente, como dramaturgo, estatuto por que, afinal, é mais conhecido.

A sua competência como criador de obras dramáticas, inspirado, quer nas grandes figuras da História de Portugal, quer em factos do quotidiano, está moderadamente fixada nas sínteses nacionais de história da literatura e do teatro, de um modo geral, desde o início do século XX.²³ Por isso, deu-se importância à abordagem de um ponto de vista menos conhecido: a actividade como periodista num conjunto de títulos seleccionados. Para o estabelecimento da selecção utilizou-se o critério da frequência, ou seja, procurou-se encontrar os títulos que registavam maior número de intervenções e de crónicas de Marcelino.

Consequentemente, o segundo subtema versa a sua participação ou colaboração em títulos de imprensa periódica do tipo generalista, ou especializado, quer digam respeito a periódicos de âmbito local ou regional, quer sejam títulos de maior tiragem e divulgação mais alargada, quer ainda se trate de publicações mais específicas, de carácter satírico ou humorístico. Essa dedicação ou envolvimento contempla duas modalidades: uma como colaborador pontual, entendendo-se o termo como aquele que envia, esporadicamente, alguns textos para uma redacção de jornal ou revista, como aconteceu com o *Pae Anselmo* e o *Diario Illustrado*; outra como responsável editorial de um periódico, como se verificou com *O Chronista*, *A Comedia Portugueza* e o *Portugal*.

Decidiu-se ainda incluir um enunciado que desse conta da forma como a memória de Marcelino Mesquita tem vindo a ser tratada e fixada desde o momento da sua morte. O subcapítulo final (recordação e celebração da vida e

²³ António de Sousa Bastos (1844-1911) já inclui o nome de Marcelino no seu *Diccionario do Theatro Portuguez*, de 1908. Vide bibliografia.

obra) pretende ser um contributo modesto para um levantamento de tudo quanto se disse, se escreveu ou se realizou a propósito da figura retratada, na imprensa escrita (historiografia, literatura, dramaturgia), na imprensa falada (rádio, televisão), na imprensa dita electrónica (internet), nos espaços culturais (salões de teatro, museus, bibliotecas).

Por fim, organiza-se um apêndice composto por uma cronologia, tão exaustiva quanto possível, sobre Marcelino Mesquita, uma antologia de textos do autor e um conjunto iconográfico que consideramos representativo.

2. A biografia de Marcelino Mesquita: traços essenciais

Os nossos antepassados são nossos filhos, através de um buraco na parede vemo-los brincar nos seus quartos, e eles não nos vêem a nós.

Maalouf, Amin, *Origens*, Lisboa, Difel, 2004

2.1. Infância e juventude

Os dados básicos da vida de Marcelino António da Silva Mesquita encontram-se dispersos numa infinidade de abordagens levadas a cabo por escritores, historiadores, artistas, jornalistas ou outras personalidades mais ou menos conhecidas, mais próximas do tempo presente ou mais chegadas ao do escritor.

O que se pretende apresentar neste espaço é o essencial da biografia, recorrendo, o mais possível às fontes consideradas fidedignas. Tal é o caso das memórias do irmão mais novo,¹ que, em Maio de 1944, se correspondia com uma estudante da Universidade de Coimbra, pedindo-lhe esta o favor de responder a um conjunto de perguntas sobre a vida do dramaturgo, o qual escolhera para tema da sua tese de licenciatura em Filologia Românica. António Mesquita escreveu-lhe então um longo texto com o que considerava ser uma “história indispensável para conhecer o homem”.² Na introdução a essa missiva, o remetente promete contar “uma história que [lhe] pareceu indispensável para (...) conhecer o homem”. “É a expressão da verdade pura e simples. Não lhe aumento qualidades nem encubro defeitos, nem me meto em apreciações”,³ acrescentava ainda, asseverando a fidelidade do relato.

¹ Faleceu em 1948 e tinha o mesmo nome do pai, António da Silva Mesquita.

² Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, Cartaxo, 23 de Maio de 1944. EDMM, pasta 20, doc. 3.

³ A carta tem uma parte manuscrita, aquela em que se dirige à destinatária e outra dactilografada, a que contém a narração dos factos biográficos. Idem, *ibidem*.

Contudo, a narrativa principia logo por omitir factos anteriores à entrada de Marcelino para o Seminário, aos onze anos. Será, por conseguinte, necessário interrogar outras fontes para obter as informações em falta.

O assento de baptismo de Marcelino António da Silva Mesquita, lavrado pelo padre António José dos Santos, encontra-se guardado no Arquivo Distrital de Santarém e principia nos seguintes termos:

Aos 6 dias do mez de Outubro de 1856 n' esta parochial egreja de S. João Baptista da vila do Cartaxo Arcediagado de Santarem Patriarcado de Lisboa baptizei solenemente a Marcellino nascido no 1º dia de Setembro ultimo filho legitimo de Antonio da Silva Mesquita e Anna Innacia Mesquita, moradores na rua dos Casaes d' esta freguesia.⁴

Prosseguindo com dados relativos à proveniência do pai, natural da freguesia do Carvoeiro, concelho de Mação e da mãe, nascida e criada no Cartaxo, adianta que ambos tinham sido recebidos na mesma igreja aos catorze dias de Setembro de 1853 “pelas seis horas da manhã”.⁵ Outras informações de relevo podem ser o nome do padrinho, Marcelino Ferreira da Franca, morador no Cartaxo, de quem, por tradição, o afilhado herdou o nome e o do signatário acima nomeado, o prior da paróquia. Trata-se de uma família das mais abastadas da região, proprietária de vários bens rústicos e urbanos, situados quer no espaço urbano, quer nas localidades dos arredores.

Uma dessas propriedades, ainda hoje existente, era a Quinta da Ribeira, composta de pinhal, olival, vinha e terras de sementeira. O nome advém-lhe de um pequeno curso de água que a atravessa no sentido noroeste-sudeste, indo desaguar na Vala Real ou Canal de Azambuja, afluente do Tejo. Apesar da irregularidade do caudal, a Ribeira de Pontével alimentava nessa época uma quantidade razoável de moendas de cereal e azeite, instaladas nas suas margens. Ainda hoje podem ser cartografados vestígios dessas estruturas nos terrenos da quinta e ao longo de todo o percurso fluvial. A ribeira ganhou ainda fama devido à excelência das suas águas, provenientes de abundantes fontes e nascentes, comumente chamadas “olhos”, de onde ainda hoje jorra continuamente o precioso líquido. Nas suas

⁴ Reproduzido de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 50. Vejam-se também, em notas de rodapé, as referências relativas aos nascimentos de Marcelino e dos pais, bem como ao casamento destes. *Op. cit.*, p. 15.

⁵ Idem, *Ibidem*.

margens cultivavam-se produtos hortícolas e leguminosas de grande qualidade, milho e outros cereais. Há relativamente pouco tempo ainda se mantinham intactos diversos ecossistemas que faziam pulular de vida todo o ambiente circundante.

O pai de Marcelino era um destacado agricultor e negociante de vinhos e de produtos relacionados com o vinho, como a borra,⁶ o que lhe valera a alcunha de *Borreiro* ou *Borreira*,⁷ conforme se detecta ainda na tradição oral local. Além dos terrenos de cultivo, possuía uma azenha, um forno de cal e armazéns de vinho em Lisboa, situados na Travessa Nova de S. Domingos, junto ao Rossio, os quais rivalizavam “em grandeza e concorrência” com o grande armazém do Quintão, referido por Luís Pastor de Macedo.⁸ Tanto quanto é possível saber, gozaria de boa reputação, ao contrário do dono deste último armazém, seu vizinho na capital, que acabou por cair em desgraça por causa de uma história de falsificação de vinhos.⁹

Marcelino teve dois irmãos: Maria Inês e o já mencionado António, nascidos, respectivamente, em 1860 e 1866. Da primeira, encontrou-se o assento de casamento, em Janeiro de 1882 com Manuel Ribeiro da Costa, “lojista, morador na Rua d’Além”, contando-se, entre as testemunhas do acto, o nome do irmão mais velho, ao tempo solteiro e estudante de Medicina.¹⁰ Este cunhado de Marcelino devia pertencer a uma família de grande prestígio na localidade, enriquecida pelos altos rendimentos provenientes de grandes propriedades agrícolas, situadas em Valada e outras zonas. A memória desta família encontra-se bem vincada na história política, social e económica do município e da região, conforme se pode comprovar pelas referências toponímicas e outros registos.

Marcelino fez publicar no seu jornal, *O Chronista*, em Julho de 1886, uns versos dedicados ao desaparecimento precoce de uma irmã muito querida que, a

⁶ Resíduo vinícola depositado no fundo do depósito após a trasfega.

⁷ Cf. AAVV, *Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 29.

⁸ Macedo, Luís Pastor de, *Lisboa de lés-a-lés. Subsídios para a história das vias públicas da cidade*. Vol. V, pp. 100, 101.

⁹ Segundo Pastor de Macedo existia na zona, nos princípios do século XX “um cinema de aspecto feião, de grandes cartazes, a cuja porta uma mulherzita vendia pevides e amendoins”, o “Salão Ideal”. Veio a descobrir-se que a tal mulher, Carolina de seu nome, regava as castanhas com o vinho falsificado do Quintão. Macedo, Luís Pastor de, *op. cit.*, pp. 97-101.

¹⁰ AN/TT, Livro de Registos de Microfilmes, concelho do Cartaxo, paróquia de S. João Baptista, série 02 - Registo de Casamentos, 1861-1910.

aplicarem-se a Maria Inês, conduzem à ilacção de que terá sobrevivido poucos anos após o seu matrimónio:

Ó minha doce mãe
Já vês que é bem verdade
Haver depois da noite
Aquella claridade
Que a tua boa alma
Em mystica fragancia
Fazia acreditar
Outrora, à minha infancia
Há mais, a esta hora
Em incomparavel goso
Tremendo pelo ceu
Um ponto luminoso.¹¹

Quanto a António, o irmão mais novo, há que destacar o seu papel basilar no equilíbrio económico familiar, bem como o de primeiro mentor da perpetuação da memória da vida e da obra do irmão. Não tendo frequentado o ensino universitário, apesar de se ter formado como técnico agrário, foi o principal gestor dos negócios da família, mantendo, após a morte do pai, a continuidade dos rendimentos provenientes do seu património, fosse para segurança do irmão, fosse para a de pessoas que dele viriam a depender. A biblioteca de que o Município do Cartaxo dispõe hoje, legado de António Mesquita com um considerável acervo de obras de natureza científica e outras, em português e noutras línguas, datáveis desde, pelo menos, o século XVIII, é bem o exemplo vivo dessa importância. A longevidade deste cidadão, que sobreviveu quase trinta anos ao irmão, permitiu trazer, até relativamente perto do tempo actual, o interesse pelo conhecimento dos factos com ele relacionados.

Tratando-se de uma família com bons recursos, não se estranha que o primogénito tivesse tido o privilégio de uma educação esmerada, com direito a prosseguir estudos. De acordo com os dados biográficos em análise, Marcelino deu entrada no Seminário Patriarcal de Santarém aos onze anos de idade, por

¹¹ *O Chronista*, Ano I, nº 8, 25 de Julho 1886

influência de um “professor de primeiras letras”,¹² o reverendo Teodósio Duarte, que teria convencido o pai a consentir nesse ingresso. Foi admitido em Outubro de 1867 como “alumno pensionista” após requerimento assinado pelo pai em Setembro do mesmo ano.¹³ Pouco tempo depois, dava sinais de querer sair, desejo que não lhe foi concedido devido à interferência do mesmo reverendo.¹⁴

Contrariado deste modo, não se podia esperar que Marcelino tivesse sido um seminarista dócil e submisso. Também não há registos que permitam considerá-lo um aluno notável ou brilhante. A falta de apetência para os estudos eclesiásticos, que era notória, a julgar pelo que deixou escrito, não tolda, no entanto, o reconhecimento posterior dessa vivência no desenvolvimento do seu percurso:

Eu começava, pois, uma carreira que havia de fazer, mais tarde, de mim, um dos grandes vultos da minha pátria. Aqui o digo para honra daquele casarão venerando. Cabe-lhe a ele a honra de ter amparado os meus passos infantis, na longa estrada de Minerva. Foi lá que ouvi, pela primeira vez, falar do nominativo e do ablativo, do exórdio e da peroração, do «eu» e do «não eu». Sobretudo este último conhecimento trouxe-me torrentes de felicidade - o «eu» e o «não eu»!¹⁵

Ainda no Seminário, ter-se-á matriculado nas disciplinas de Português, Latim, Francês e Inglês, no Liceu instalado no mesmo espaço desde 1843.¹⁶ Todavia, empenhado em sair da instituição religiosa “custasse o que custasse, mesmo contra a vontade das famílias”,¹⁷ tudo fez para que tal acontecesse. Com um colega e amigo inseparável, “um tal Souto, de Alemquer”, iniciou um processo de “partidas”, na expectativa de uma ordem superior de expulsão.¹⁸ “Chegaram a desanimar, porque parecia que os padres não ligaram a maior importancia”, conta o irmão António.¹⁹ Por fim, lá acabou por ser “excluído do número dos alunos do mesmo Seminário (...) em razão do seu irregular

¹² Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

¹³ Documentos do Arquivo do Seminário Patriarcal de Santarém reproduzidos de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 26,28.

¹⁴ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

¹⁵ EDMM, pasta 15, doc.1.

¹⁶ Sobre a instalação do primeiro liceu em Santarém leia-se a nota de Rogério Coito, um dos redactores da citada *Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 25, nota 1.

¹⁷ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ Idem, ibidem.

procedimento, e de não mostrar vocação para o Estado Ecclesiastico”.²⁰ O caso não era para menos, pois liderara algumas proezas que tinham feito tremer o edifício e a reputação da instituição, quer lançando canas a partir do tecto da igreja em pleno acto litúrgico, quer montando e fazendo detonar um engenho artesanal.²¹

Como não podia deixar de ser, o acto de insubordinação não tardou a chegar ao conhecimento do progenitor, despertando a sua cólera e a sua vontade de pôr um ponto final no prosseguimento dos estudos. A protecção da mãe, D. Ana Inácia, e a intervenção competente de uma personagem misteriosa, o “senhor Coronel Mongeardim”, que pregou “um sermão” ao filho e outro ao pai, ditou a transferência para Lisboa. Marcelino matricula-se “na Escola Académica, d’onde seguiu para a Politecnica e d’esta para o Hospital até acabar o curso de Medicina.”²²

Aos quinze anos de idade encontra-se a morar num primeiro andar da Rua da Rosa, ao Bairro Alto. Partilha o quarto alugado com um tal Manuel Barbosa, “raça de bohemio amoroso a quem uma actriz do Gymnasio partiu o curso.”²³ A forma como descreve o ambiente em que habita é sugestiva, evocando páginas e cenas descritas por outros autores portugueses ou estrangeiros, seus contemporâneos, permitindo antever a celeridade com que se integrou no mundo boémio da capital, certamente aquele em que já gravitavam figuras hoje sobejamente conhecidas do património memorial. Se dúvidas surgissem sobre as razões que o levavam a embrenhar-se nas lides artísticas e literárias, muitas respostas se poderiam contar entre os relatos dessas primeiras experiências lisboetas. Seria difícil imaginar que um mancebo provinciano, da estirpe do jovem cartaxense, permanecesse indiferente ao contacto com a mundanidade, mesmo que a Lisboa desse tempo não passasse da pasmaceira que Eça de Queiroz tão bem retrata nas páginas das suas obras.

Conservam-se ainda em relativo bom estado extensas páginas manuscritas de textos de carácter memorialista, lavrados em data desconhecida, que deixam transparecer um olhar retrospectivo e saudoso sobre os tempos em que Marcelino

²⁰ Nota de expulsão datada de 27 de Julho de 1871, inscrita no verso do assento de matrícula e reproduzida de forma fac-similada in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.28. Vale a pena conhecer os detalhes destas patifarias na narrativa de António Mesquita (EDMM, pasta 20, doc. 3).

²¹ Idem, ibidem.

²² Idem, ibidem.

²³ Idem, pasta 15, doc.4.

se passeava com os camaradas por uma Lisboa muito pouco cosmopolita, onde pontuavam feiras como a das Amoreiras e Belém:

Com dezoito tostões, dois bons estudantes não jantavam em caza. Era no tempo da feira das Amoreiras. Não sei se o ruído d'um tambôr chegou até nós; sei que olhámos ambos para o lado do Rato, ao mesmo tempo e, ao mesmo tempo, dissemos: - á feira. E fômos. N'aquelle tempo, havia, na feira, duas barracas célebres. A da Julia, celebre pelas queijadas, frequentada pela gente fina, que vendia, doces, licores, bolos de toda a especie a acompanharem os refrescos e a do Pedro, um creado dos Galveias, em cuja frente, o mexilhão estrugia nas caçarolas, as pescadinhas de rabo na bôca formavam pirâmides e os nacos de pôrco, cheirosos e loiros chiavam no azeite cheio de fumaças e de espirros.²⁴

²⁴ EDMM, pasta 15, doc.5. A existência de espaços (tendas ou barracas) dedicados ao teatro e aos artistas é comumente referida na imprensa da época. Cf. c. *Diario Illustrado*, nº 4069, 29 de Agosto de 1884. Mas é particularmente interessante assinalar como a memória persiste localmente. Numa reunião familiar, o autor deste trabalho teve ocasião de ouvir da boca de uma anciã, nascida em 1913, a letra de uma canção da sua juventude que se referia à fama de uma dessas feiras:

Linda feira de Belém
Lembrança que eu acarinho
Como tu me fazes falta

Ainda me lembro bem
Do café do Machadinho
Com um tostão
(Que era então um dinheirão)
Fazia-se um figurão
E sempre o diabo a quatro

Eram cafés, cervejas e capilés
E sobrava muita vez
Maçaroca p'ro teatro

A feira era tão linda
Que até lá iam escritores
Das peças mais consagradas
Vi Marcelino Mesquita
Ramada e outros escritores
E [o] António das Caldeiradas

Ai meus amigos
Naqueles tempos antigos
Até os pobres mendigos
Ali se sentiam bem

Eram cervejas e capilés
Queijadas e água-pés
E o café só custava um vintém

Desta feira o que me resta
É [sic] as saudades que eu tinha
E já lá vai tanto ano

Ia a gente p'ra festa
Ou no carro do Jacinto
Ou no carro americano.

A iniciativa que retira Marcelino do anonimato é a primeira representação de *Leonor Telles*, em 1876, pouco tempo depois de ter entrado na Escola Médico-Cirúrgica. O apontamento da estreia encontra-se arquivado na Biblioteca do Teatro Nacional D. Maria II. No registo da récita foi anotado que se destinava a apoiar a Caixa de Socorros Mútuos dos Estudantes Pobres, tendo sido representada por amadores, entre os quais o próprio autor que desempenhou o papel de rei D. Fernando.²⁵ António Mesquita dá a entender que se sente uma certa falta de apoio e interesse por parte da direcção do teatro na inclusão da peça na programação oficial. O facto é confirmado por Augusto Rosa, com quem Marcelino viria a trabalhar. Este famoso actor e empresário recorda também, nas suas memórias, a primeira aparição da peça que se viria a tornar num êxito de bilheteira: “O drama teve um grande agrado. Por esse motivo foi mais tarde representado na nossa administração.”²⁶

A inclinação para as letras e as artes dramáticas era, indubitavelmente, precoce. Partilhava o curso com muitos outros afazeres, começando a escrever poesia e crónicas para o *Diario Illustrado* e *O Pae Anselmo*.²⁷ Os testemunhos de um relacionamento próximo com Teófilo Braga, encontrados, por exemplo, na sua correspondência, levaram à convicção de que Marcelino fora seu discípulo no Curso Superior de Letras, onde teria travado conhecimento com a elite intelectual do seu tempo. O suplemento literário do *Diário de Lisboa*, de 17 de Junho de 1937, ostenta um extenso artigo assinado por António Ferrão²⁸ com a reprodução de quatro cartas inéditas, pretensamente comprovativas dessa proximidade. O jornalista pretendia, com a publicação daqueles escritos, mostrar “como foram sempre muito amistosas as relações entre o eminente autor dos *Peraltas e Secias* e o sabio criador da historia da literatura portuguesa e como era grande a admiração e, mesmo, veneração”²⁹ de um pelo outro. Mas, apesar desses esforços bem-intencionados, não se conseguiram encontrar elementos que certificassem,

²⁵ TNDMII, Registos Biográficos, Dossier nº1055.

²⁶ Rosa, Augusto, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, pp.209, 210.

²⁷ O *Diario Illustrado* principiou a sua publicação em Junho de 1872, cessando em 7 de Janeiro de 1911 (com o nº 13301). Era impresso na tipografia Souza Neves. *O Pae Anselmo* (semanário) teve 322 números, com início em 21 de Setembro de 1879 e fim em 15 de Novembro de 1885.

²⁸ António Ferrão (1884-1961) foi historiador, inspector das bibliotecas e arquivos, assinalou presença em vastas publicações e colaboração em revistas e jornais (*GEPB*, XI e *Actualização*, V). É ele que revela que Marcelino foi aluno de Teófilo no Curso Superior de Letras na cadeira de “Literaturas Modernas e especialmente portuguesa”. Recorte de jornal in EDMM, pasta 1, doc. 14.

²⁹ Idem, *ibidem*.

concretamente, a frequência desse curso. Reconhece-se, não obstante, o mérito da transcrição em que Teófilo recebe o tratamento de “caro mestre”, “velho amigo” e em que Marcelino se despede com o respeito de “antigo discípulo, grande amigo e admirador”.³⁰ Por outro lado, a hipótese de proximidade terá sido uma realidade, uma vez que há, pelo menos, uma prova pública de cumplicidade entre o primeiro Chefe de Estado republicano e o dramaturgo: o prefácio de *Margarida do Monte*, peça dada à estampa no agitado final de ano de 1910.³¹

O percurso de Marcelino não permite antever um grande entusiasmo pelo curso de Medicina, que devia frequentar mais por desejo ou imposição paterna do que por vontade própria, a julgar pelo tempo que demorou a concluí-lo. Esse facto influenciava inevitavelmente o seu rendimento, dando azo à circulação de uma imagem pouco favorável à sua reputação de estudante. Brito Camacho,³² igualmente estudante de Medicina, apesar de significativamente mais novo, resolveu fixar o seguinte episódio sobre o condiscípulo:

Um dia, na sala de autópsias, rodeado do curso, procurava no cadáver a confirmação do diagnóstico. O Garcia, moço do anfiteatro anatómico, já tinha aberto o tórax, tirando lá de dentro um dos pulmões, o direito. Nisto entra o Marcelino Mesquita, e vai colocar-se ao lado do Mestre (Ferraz de Macedo): «Que pulmão é este?». Responde o Marcelino sem hesitar: «É o direito.». «E porquê?». «Porquê? Pois se o outro está além, e é o esquerdo, o que pode este ser senão o direito?». Galhofa geral, a ninguém causando admiração que o Marcelino não soubesse que o pulmão direito tem três lóbulos e o esquerdo só tem dois, para acomodar o coração. Pousando-lhe a mão no ombro, sem azedume, antes com simpatia benevolente, o Ferraz disse ao futuro glorioso dramaturgo: «Estas coisas aprendem-se no primeiro ano.». E logo o Marcelino retruca, tão pronto como no teatro: «Pois aí é que está o mal, porque quando se chega ao quinto, já esqueceram.». Já esqueceram! Ele nunca as tinha sabido.³³

Os relatos disponíveis apresentam alguma confusão no que concerne ao ano exacto de conclusão do curso e da tese, se bem que o facto de esta ter sido

³⁰ Recorte de jornal in EDMM, pasta 1, doc. 14.

³¹ “De uma carta de Teophilo Braga” in Mesquita, Marcelino, *Margarida do Monte*, Lisboa, «A Editora», 1910. Cf. Introdução de Duarte Ivo Cruz a *Teatro Completo*, vol. I, p.18.

³² Manuel Brito Camacho (1862-1934), médico, escritor, jornalista e estadista. Teve papel preponderante na propaganda republicana, combatendo a monarquia. Veio a integrar o aparelho político da I República. *Lello Universal*, vol. I, p. 436.

³³ Brito Camacho, *apud* Coito, Rogério, in *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 30, 31. O referido Mestre, (João) Ferraz de Macedo, integra a lista de professores que antecede a tese de licenciatura de Mesquita, onde surgem outros nomes, como os de Miguel Bombarda, Curry da Camara Cabral, Sousa Martins, entre outros. *Vide* nota seguinte.

publicada pela Tipografia Minerva e estar guardada na Biblioteca Municipal do Cartaxo, possa ajudar a desfazer o equívoco. Por estranho que possa parecer, a data da impressão é 1884, ao passo que a informação sobre a apresentação e defesa recai sobre Julho de 1885.³⁴ Estranha-se, por conseguinte, que a impressão antecederesse a apresentação.

António Mesquita não esconde a agitação que presidiu a esta fase da vida de Marcelino. Coincidiu com o momento em que concebeu a sua primeira peça polémica: *Pérola*. A trama parece basear-se na experiência pessoal do seu autor, envolvido numa paixão ardente “que o teve algum tempo separado da família”, conta o irmão. “Em nossa casa (...) todas as noites o serão era de lágrimas”, prossegue, antes de narrar o desfecho motivado “por desavenças” entre os amantes, causando a perda de um ano de estudos e deixando o irmão à beira da loucura. A moça que “era interessantíssima e fez sensação em Lisboa” viveu pouco mais de um ano, desconhecendo-se a causa de tão precoce decesso.³⁵

Estes envolvimento e a negligência subsequente, contribuíam muito para a degradação das relações com o pai, cada vez menos tolerante e paciente, temendo pela sorte das expectativas que alimentava em relação ao futuro do filho. Apesar disso, nas alturas de maior desânimo ou aperto monetário, Marcelino procurava consolo no afecto da mãe ou no refúgio próximo da Quinta da Ribeira.

Desse período, ainda António Mesquita conta mais um episódio inesquecível: o irmão, cedendo às instâncias do pai, regressa a Lisboa, abonado e disposto a concluir de vez os estudos. Instala-se então num hotel do Largo de S. Paulo, decorrendo três meses sem resultado algum. Ao fim desse tempo, o dono do hotel vem ao Cartaxo pedir, “muito cortezmente”, o pagamento da hospedagem em atraso. Envergonhado, mas fiel ao seu carácter íntegro e honesto, o velho lavrador prontificou-se a satisfazer a dívida do filho. Não se coíbiu, no entanto, de declarar ao homem “que de futuro não pagaria nem mais um real”, aconselhando-o a “que o despedisse e lhe dissesse que nada tinha recebido no Cartaxo”. “Talvez influenciado pelos calices de vinho generoso”, prossegue o relato, o estalajadeiro desfez-se “em elogios ao talento de meu irmão o que meu

³⁴ Mesquita, Marcelino, *Hysteria. These Inaugural Apresentada e Defendida Perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa*, Julho de 1885, Lisboa, Tipographia Minerva Central, 1884. Na Biblioteca Municipal do Cartaxo encontra-se um volume contendo a encadernação de quatro exemplares, com 75 páginas cada.

³⁵ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

pai contradizia carrancudo e furioso”.³⁶ Dias depois, retractava-se por escrito, disposto a consentir na continuação da permanência do hóspede e a esquecer os pagamentos em atraso.³⁷

Como o modo de vida de Marcelino não melhorasse aos olhos do pai, este decidiu-se pelo corte de relações. Porém, não deixava de recomendar ao filho mais novo “que o não perdesse de vista, o aconselhasse, e empregasse todos os meios para que ele fizesse a teze, defendesse e viesse para casa.”³⁸

Fosse pela necessidade de reatamento da relação com o pai, cujo corte, por certo, lhe não aprouveria, ou por outra qualquer motivação, a conclusão da tese e do curso não parecem nunca ter sido postos em causa, pois, apesar de todas as vicissitudes e contrariedades, Marcelino não dá mostras de desistência. Por essa ocasião tinha já lançado *Meridionaes*,³⁹ o primeiro livro de poemas publicado a expensas suas e inspirado na memória de uma paixão antiga e inocente, talvez a primeira, por uma jovem que morreu também precocemente. “Lembro-me que nas primeiras ferias a que veio fui encontrá-lo conversando com minha mãe a respeito d’ela e chorando os dois como duas Madalenas”, recorda o irmão.⁴⁰

Colaborava, pontualmente, no *Diario Illustrado* e no *Pae Anselmo*, se bem que oculto, durante algum tempo, sob os pseudónimos *Mendo Abbade* e *Satanaz Junior*. O último destes pseudónimos é, de resto, referido por Inocêncio Silva num dos tomos do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*,⁴¹ ao passo que *Mendo Abbade* surge apenas no *Diario Illustrado*. É o próprio Marcelino que, na sequência de dissabores não explicitados, a partir de Novembro de 1883, decide retirar a máscara e passar a assinar a colaboração com o seu próprio nome.⁴² Importa ainda aqui referir que, segundo o relato de António Mesquita, Marcelino colaborou noutros jornais, como o *Diario Popular* e o *Correio da Manhã* e “revistas varias”, de tal sorte que “por esta altura o seu nome (...) adquiriu uma certa notabilidade”.⁴³

³⁶ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

³⁷ Idem, ibidem.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ Marques, Aurélio, *Marcelino Mesquita*, (brochura comemorativa dos 140 anos do nascimento), ed. Câmara Municipal do Cartaxo, p.13.

⁴⁰ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

⁴¹ Silva, Inocêncio, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo XIX, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1973 (fac-símile da edição de 1908).

⁴² “Na capital. Uma declaração. Palcos.” in *Diario Illustrado*, n° 3791, 23 de Novembro de 1883.

⁴³ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

Marcelino era, sem sombra de dúvida, uma figura que não passava despercebida nos cafés e salões. Os seus dotes de orador destacavam-se nos eventos de carácter cívico ou político, como as aparatosas cerimónias comemorativas das grandes figuras da história nacional, aproveitadas pela propaganda da organização partidária republicana nascente. Não se vislumbra qualquer vestígio da sua participação no célebre centenário de Camões, mas é possível que, sendo parte integrante da camada jovem interventiva da capital, não deixasse de estar presente. Já a sua intervenção no centenário da morte do Marquês de Pombal em Maio de 1882, está documentada. Um jornalista do tempo, Luís Trigueiros,⁴⁴ refere-se-lhe de uma forma particularmente emocionada e respeitosa, confessando-se honrado pela encomenda de um artigo que retrata o momento em que com ele travou conhecimento, precisamente na ocasião daquela efeméride:

Acabára de fallar o dr. Consiglieri Pedroso⁴⁵ e por signal que nos deixára uma soberba impressão o seu magnifico discurso. Então do canto esquerdo da sala, um rapaz alto, desempenado, moreno, de barbicha mephistofelica, impertinente monoculo entalado no olho direito, começou a discursar. Não me recordo já das suas primeiras phrases; lembro-me apenas que se operou em toda a sala um forte movimento de attenção. Vinte minutos depois, em meio duma trovoadade applausos, o rapaz da barbicha mephistofelica era levado ao collo em passeio triumphal pela sala, sob a ovação clamorosa da mocidade das escolas. Soube d'ahi a pouco, pelo presidente do congresso - hoje o medico Zepherino Falcão -⁴⁶ que o orador era estudante de medicina e que se chamava - Marcellino Mesquita.⁴⁷

Voltando ao atribulado ano de 1885, destaca-se a subida à cena do drama *Pérola*, subtitulado *Episódio da vida académica*, e o escândalo que a fez retirar do palco, “proibida por imoral pelo sr. A. Sousa Vasconcelos, comissário régio

⁴⁴ Luís Trigueiros (1863-1934), jornalista, colega de redacção de Marcelino no *Portugal* e autor de, pelo menos, uma comédia, publicada em 1893. Cf.c. Rebello, Luiz Francisco, *100 Anos de Teatro Português*, p. 133. Vide também TRIGUEIROS, Luís Forjaz, “Marcelino Mesquita” in *Perspectivas da Literatura Portuguesa no Século XIX*, vol. II, Lisboa, Ática, 1948

⁴⁵ Zófimo Consiglieri Pedroso (1851-1910), um dos primeiros deputados republicanos no período monárquico (Lello Universal, vol II, p. 495).

⁴⁶ Poderá tratar-se de Zeferino Candido Falcão Pacheco, nascido, como Marcelino, em Setembro de 1856. Foi médico especialista em Dermatologia, tendo-se destacado pelos estudos sobre a lepra. Pereira, Esteves e Rodrigues, Guilherme, *Diccionario Historico, Chorographico ... e Artistico*, vol. III, p. 271.

⁴⁷ Fragmento de artigo publicado na revista *A Arte*, nº6, 15 de Janeiro de 1896. EDMM, pasta 3, doc. 4.

junto do Teatro D. Maria II”.⁴⁸ António Mesquita, procurando caracterizar a recusa institucional, afirma que a direcção do teatro “não simpatisava nem com originais portuguezes nem com os papeis portuguezes, estava na moda o francezismo”.⁴⁹

A peça acabaria por se estrear no Teatro do Príncipe Real, em Maio desse ano, tendo sido bastante aplaudida pelo público. Com a invejável lucidez dos seus setenta e oito anos e à distância de quase sessenta sobre as ocorrências narradas, o irmão de Marcelino conta que a representação tinha tido “um sucesso enorme”, explicando que o drama se integrava “numa Escola nova (...) muito conhecida já lá fóra”.⁵⁰ Relacionava ainda o agrado geral com “uma serie de circunstancias”, referindo o impacto negativo junto da opinião pública que terá considerado a proibição escandalosa e, inclusivamente, terá descomposto a “empresa do [teatro] Normal”.⁵¹ Acresce dizer que os factos estão documentados pela imprensa da época, conforme atesta uma caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro na edição de 28 de Maio de 1885 dos *Pontos nos iii*.⁵² Matos Sequeira, em 1946 e Carlos Reis,⁵³ mais recentemente, também historiam de alguma forma a dramaturgia marcelinesca.

A leitura atenta do enredo, girando em torno do envolvimento de um estudante de Medicina com uma jovem prostituta, parece retratar a própria vivência do autor. Denuncia pontos comuns vividos entre o dramaturgo e a protagonista da peça, confirmando os boatos postos a correr acerca de um envolvimento com a referida actriz, a quem António Mesquita atribui o nome de “Margarida loira” e classifica como “uma das primeiras atrizes do tempo, interessantíssima como atriz e não menos interessante como mulher”.⁵⁴ A vida da exuberante jovem acabaria por ser breve, falecendo no Brasil, segundo se conta no relato.

⁴⁸ Referência inserida no rosto da 1ª edição da peça. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.96.

⁴⁹ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

⁵⁰ Idem, *ibidem*.

⁵¹ Idem, *ibidem*.

⁵² O desenho exhibe os seguintes dizeres: em cima, “Theatro do Principe Real - A Perola”; em baixo, “A Marcellino Mesquita, Um bravo”, seguido da assinatura do humorista.

⁵³ Sequeira, G. M., *História do Teatro Nacional D.Maria II*, pp. 374 ss.; Reis, Carlos (coord.), *História Crítica da Literatura Portuguesa*, vol. VI, pp. 355 ss.

⁵⁴ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, *idem, ibidem*.

Veja-se ainda como é descrita no enredo a intensidade das paixões pelo familiar de Marcelino:

Encarnando o personagem d'uma maneira superior, mulher superior como realmente era, e tendo com meu irmão as relações inevitáveis durante o período dos ensaios e dada a sua impressionabilidade, era fatal o que se deu (...). Paixão das fortes porque elle tinha-as de varias fôrças.⁵⁵

Este testemunho vem confirmar que Marcelino concluiu, efectivamente, o curso em 1885. Feridas saradas, tempestades acalmadas, o velho Mesquita parecia, finalmente, estar prestes a conseguir realizar o desígnio de puxar o primogénito para a sua proximidade. “Arrasta-o até ao Cartaxo onde casa e exerce clínica durante dois anos, passados os quais se safa para Lisboa levado pelo sôgro e alegando não poder suportar mais aquela vida”.⁵⁶ A certa altura, António Mesquita decide interromper a carta, resolvendo dar-lhe “um dia de descanso” antes de prosseguir, caso a interlocutora achasse que valia a pena:

Eu também não posso levar mais longe esta historia que sopuz poder fazer em poucas palavras e afinal me sai tão comprida ...⁵⁷

2.2. Em busca de afirmação

Acabado o curso e defendida a respectiva tese, Marcelino regressa, ainda que por pouco tempo, às suas origens, onde poderia reencontrar algum conforto e equilíbrio, bem como as condições propícias à satisfação das necessidades materiais. O seu espírito irrequieto e impressionável, dado às paixões tumultuosas, fortes e fatais, esgotava-o. Apreciava os excessos da vida boémia, sem aparente consciência dos limites, nem capacidade de controlo dos gastos, o que o fazia andar num permanente estado de penúria financeira. Juntando a isto o desaire amoroso e o desgaste provocado pelos conflitos com os críticos e as autoridades,

⁵⁵ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

⁵⁶ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

⁵⁷ Idem, ibidem.

não é difícil concluir que atingiria um ponto em que a sua situação se tornava insustentável. Nessa circunstância, o regresso ao rincão natal, embora se afigurasse pouco convicto, impôr-se-ia como solução para o tratamento e recuperação dos males.

Está, então, no Cartaxo por alturas do Verão de 1885, para gáudio dos pais e do meio social local. Contraí matrimónio com Maria Rufina Marques e exerce clínica durante um curto período de tempo. Desse casamento pouco há a registar, a não ser o facto de ter sido breve e atribulado, pese embora o facto de, na realidade, não ter chegado a ser dissolvido, porque o estado civil de casado se manteve oficialmente, ao longo de toda a vida. Numa *Ilustração Portuguesa* de 1914, pode ver-se a fotografia da “esposa do ilustre dramaturgo sr. dr. Marcelino de Mesquita”, voluntária ao serviço do Corpo Expedicionário Português na Primeira Guerra Mundial. D. Maria Rufina de Mesquita, conforme a apresenta o artigo, era então uma “das senhoras portuguesas que deixaram os confortos dos seus lares e os afagos das suas famílias” para se dedicarem ao acolhimento de feridos oriundos dos campos de batalha, em Biarritz, “onde até alguns hotéis foram transformados em hospitaes”.⁵⁸

Também em Janeiro de 1919, poucos meses antes da sua morte, esse estado civil constava do registo de casamento de Inês Alves Mesquita, sua filha bastarda, que, por sua vez, figurava como descendente de pai incógnito.⁵⁹ Por conseguinte, a menção de divorciado, inscrita no assento de óbito arquivado na Conservatória do Registo Civil de Lisboa, tem apenas o valor da informação do declarante, “José dos Santos, casado, empregado no comércio, residente na Travessa das Inglesinhas, trez”.⁶⁰

Até ao final de 1888, empenha-se na reconciliação consigo próprio e com os que o rodeiam. Restabelece-se, dispondo-se a assumir o papel social que se lhe espera: facultativo de província, herdeiro ou usufrutuário de rendimentos

⁵⁸ Imagem reproduzida in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.60. A propósito da participação feminina na Primeira Guerra Mundial, cf. Rêgo, Raul, *História da República*, vol.III, pp. 339 e 348.

⁵⁹ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, idem, ibidem.

⁶⁰ *Livro de Registo de Óbitos da Freguesia de São Mamede*, Ano de 1919, 3ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa.

estimáveis, titular de uma influência capaz de vir a aceitar responsabilidades de âmbito político.⁶¹

Para dar largas à veia periodista, adquire o jornal *O Povo do Cartaxo*, publicado desde 1883, onde já assinava colaborações. Rebaptizou-o *O Chronista*, tornando-se, simultaneamente, seu director e principal redactor. A publicação tem início em 23 de Maio de 1886, terminando cerca de dois anos e meio depois, em Dezembro de 1888. Apresentava-se em formato de semanário que se vendia normalmente ao domingo de manhã, não divergindo do estilo dos seus congéneres da época. Nele, o redactor ia dando conta do que se passava a nível geral e local, preocupando-se em manter os leitores actualizados, aproveitando a oportunidade para se auto-promover, quer a nível literário, quer a nível político.

Inserse-se ainda neste período o início da sua entrada nas campanhas eleitorais, competindo com Mariano de Carvalho,⁶² conhecido deputado progressista, candidato repetente ao círculo eleitoral nº 83 (Cartaxo e Rio Maior). Apesar de contar com algum apoio local e de utilizar as páginas do jornal para orientar a sua candidatura, perde a eleição parlamentar de Março de 1887, a favor do rival, mais experiente e granjeador de significativa influência local. Apesar de ser recordado como republicano, de ser referido como tal na bibliografia sobre História da Literatura⁶³ e de ter assumido posições anti-monárquicas, como a recusa da condecoração pelo rei D. Carlos, não se lhe conhece filiação ou militância partidária nesse sector. Certa é a sua adesão ao Partido Regenerador pelo qual concorreu e foi eleito “na eleição geral de 30 de Março de 1890, pelo círculo plurinominal nº 57, Guarda, pelas maiorias”,⁶⁴ ocupando o cargo até ao fim da legislatura, em 1892.

⁶¹ Um estudo recente coloca-o como Presidente da Junta Escolar do Cartaxo no ano lectivo de 1886/1887. Cf. Pires, Everilde e Simão, M. Manuel, *O Mestre Cid e a Escola do Seu Tempo*, p. 67.

⁶² Mariano Cirilo de Carvalho (1836-1905). Com uma formação académica diversificada, chegou a ser professor de Matemática na Escola Politécnica de Lisboa e “lente proprietário” (1877). Abraçou desde cedo o jornalismo político, tendo-se destacado como fundador e proprietário do *Diário Popular*. Colocou o jornal ao serviço da sua militância no Partido Progressista, teve uma longa carreira como parlamentar (desde 1870) e fez parte de alguns governos, nomeadamente, como Ministro da Fazenda, entre Fevereiro de 1886 e Janeiro de 1892. Mónica, Maria Filomena (coord.), *Dicionário Biográfico Parlamentar*, vol. I, pp.665-669.

⁶³ Cf. Andrade, João Pedro, *Reflexões Sobre o Teatro Português*, 2004 pp. 62, etc. e a introdução de Costa Ferreira a *Leonor Teles*, 1983.

⁶⁴ Apesar de estar registado no Livro de Registo da Câmara dos Deputados, guardado no Arquivo Histórico Parlamentar, é frequente ver-se o nome de Marcelino Mesquita associado ao círculo do Cartaxo, quando se refere a sua curta carreira parlamentar. O recentemente publicado *Dicionário Biográfico Parlamentar* fixa correctamente essa situação. Mónica, M.F., *op. cit.*, vol. II, p. 928.

A publicação, a partir de Abril de 1888, nas páginas do seu semanário, do anúncio de venda de um “prelo de ferro em bom uzo, podendo servir para um jornal do formato d’*O Chronista*”,⁶⁵ faz pressupor que, por volta desta data, Marcelino esteja outra vez de malas aviadas para a capital. O anúncio parece ter saído pela última vez no centésimo número, a 5 de Agosto, o que leva a crer que o jornal foi vendido por volta dessa altura. Entretanto, já se vinha notando uma certa ausência do director que, na entrada no terceiro ano, não se dignou efectuar o costumeiro editorial sobre a actividade do jornal ao longo do seu breve percurso de vida. Folheando as páginas, a partir de Setembro de 1888 deixa de se reconhecer o tom quase inconfundível do redactor, como se este tivesse efectivamente interrompido a escrita, apesar de o seu nome ainda constar do cabeçalho.

Em Outubro de 1888, o nome de Marcelino Mesquita surge já associado à fundação e direcção literária d’ *A Comédia Portuguesa*, de mãos dadas com Fialho de Almeida e Silva Lisboa.⁶⁶

A instalação em Lisboa assume um carácter efectivo, uma vez que arrenda casa, supostamente na Rua das Amoreiras, nº 198, a única residência documentada em Lisboa e aquela onde veio a falecer, a 7 de Julho de 1919. Pouca gente saberá que o frondoso e singelo jardim das Amoreiras, ostenta o seu nome no registo municipal, embora no local nada o relacione com a figura do dramaturgo, a começar pela placa toponímica que continua a manter a designação pombalina. Depreende-se que a deliberação camarária que procedeu a essa atribuição, se deva ao facto de Marcelino ter residido na zona durante cerca de três décadas. Não se conhece a data dessa atribuição toponímica, mas uma consulta efectuada junto dos serviços de toponímia da Câmara Municipal de Lisboa revelou que o nome do escritor foi concedido a uma rua da freguesia do Alto do Pina, em Lisboa, após deliberação camarária de 23 de Março de 1932.⁶⁷

O timbre das folhas de receituário do consultório, instalado na Rua Nova de S. Domingos, informa que tinha “estabelecimento hydrotherapico annexo, banhos simples, de chuva, de duche, russos, turcos, de vapor, sulfuricos, mercuriaes, boricos, de mar artificiaes, etc.”. Esses papéis singulares, que

⁶⁵ Começa a ver-se a partir do nº 85, de 22 de Abril.

⁶⁶ *A Comedia Portuguesa*, nº1, Ano I, 6 de Outubro de 1888.

⁶⁷ Informação cedida pela Divisão de Alvarás, Escrivania e Toponímia do Município de Lisboa.

aproveitavam também para rabiscar mensagens, recados, apontamentos de natureza diversa, ostentavam ainda o horário de atendimento: das 10 às 12 horas da manhã. O pai explorava o estabelecimento instalado no 1º andar de um prédio contíguo à Igreja de S. Domingos, segundo informa o actor Carlos Santos numa carta de 1944.⁶⁸ Embora o artista teça informações duvidosas, como a de que “Marcelino nunca exerceu clínica”,⁶⁹ não há razão para duvidar da localização daquele estabelecimento, tanto mais que o pai, António Mesquita, possuía armazéns de vinho na zona.

O exercício da clínica, referido na correspondência privada, vai sendo complementado com a actividade literária e os assuntos da política. Nasce uma filha que teve uma existência curta, de apenas alguns meses. A referência a esta criança consta dos relatos biográficos do escritor, mas a única prova material da sua vida breve é a inclusão no número de Novembro d’*A Comédia Portuguesa* de uma nota algo inusitada que anunciava o luto do seu director.⁷⁰ O ano de 1888 terminava, por conseguinte, da pior maneira para a família Mesquita.

Marcelino mergulha no trabalho e nas distrações, envolvendo-se em novos problemas que vão atribulando de algum modo a corrente da sua vida. Uma jovem amiga do casal, solteira, que chegara a ser madrinha de baptismo da criança malograda, entra em cena de uma forma arrebatadora. Trata-se de Alexandrina Alves Ferreira, filha de Lizzie Turner, americana de nacionalidade e do português Alexandre Alves Ferreira. Os pais tinham-se e consorciado em Filadélfia, mas residiam em Lisboa desde, pelo menos, 1866, ano de nascimento da filha. A impressão causada pelo conhecimento e posterior convívio entre *Baby* (forma de tratamento que a jovem recebia na intimidade) e Marcelino, resultou numa paixão intensa, com consequências que iriam marcar para sempre as vidas de ambos.

“As complicações e contrariedades que estes acontecimentos acarretaram não se descrevem, só quem a elas assistiu pode fazer ideia do que foram”, revela António Mesquita nas suas memórias,⁷¹ embora não adiante mais pormenores sobre aquela que viria a ser a principal figura feminina da vida do irmão. Aparentemente, tratava-se de um conhecimento vindo do lado familiar de Maria

⁶⁸ Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, Lisboa, 14 de Janeiro de 1944, EDMM, pasta 20, doc. 5.

⁶⁹ O actor refere-se ao dramaturgo nas suas memórias (*Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, 1950).

⁷⁰ *A Comédia Portuguesa*, nº 7, 24 de Novembro de 1888.

⁷¹ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

Rufina, a esposa legítima,⁷² mas faltam provas que o documentem. Um conjunto de cartas e outros papéis encontrados, por acaso, no Casal dos Eucaliptos (Amadora), junto à residência de um descendente de Marcelino, por ocasião da demolição de casas de habitação,⁷³ não ajuda ao esclarecimento da origem dessa amizade. Vem a propósito referir, a talho de foice, que aquele material, apesar de constituir um espólio não tratado composto por alguma correspondência e pouco mais, veio a revelar-se precioso, uma vez que respeita à vida particular de Marcelino Mesquita e Alexandrina Ferreira, avós maternos do antigo proprietário.

O desgosto causado pela perda da filha parece, assim, resultar no reacendimento de uma nova paixão, com a inevitável degradação posterior da relação matrimonial. A proximidade residencial em Lisboa favoreceria o convívio, pois tudo parece apontar no sentido da assiduidade do contacto. As cartas de Marcelino dão a entender a presença da figura feminina por detrás de uma janela,⁷⁴ não tardando a traduzir-se numa expressão de sentimentos arrebatadores. Pela evolução da correspondência, depreende-se que recorre a expedientes para não a perder de vista, implorando que não deixe de o(s) visitar, a ele e à esposa, a quem se refere pela inicial M.

A relação amorosa principia assim, discreta e cúmplice arredada de olhares alheios. Marcelino insiste em convidar a jovem para que venha passar uns dias com eles “quando estivermos em baixo”, não se esquecendo, porém, de lhe recomendar “o maior cuidado (...), a maior cautela.”⁷⁵ De facto, nessa correspondência peculiar percebe-se a existência de uma grande intimidade entre Alexandrina e o casal. Há um bilhete em que Marcelino se confessa pouco cuidadoso em casa, pronunciando acidentalmente o nome da amante, mesmo quando ela não está presente: “Hontem passou, em nossa caza, a noite a Julieta. Jogamos o Seven-up. Enganava-me sempre a jogar e dizia: jóga Baby. Ria-me, disfarçando e sentia os olhos humedecerem-se-me”.⁷⁶

O tempo decorre e a paixão inflama-se, num ápice, ganhando forma a necessidade de estreitar o relacionamento. Todos os pretextos são válidos para que

⁷² *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, pp. 56 e ss.

⁷³ António Mesquita Ressano Garcia, único neto do dramaturgo, falecido em 1989, residiu neste local da freguesia da Venteira, hoje designado Praceta Marcelino Mesquita. Os papéis foram recolhidos *in extremis* pela Dr^a Zelinda Pêgo, que os tem conservado.

⁷⁴ “Quem é que está a teu lado à janela?” (fragmento de carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.).

⁷⁵ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁷⁶ *Idem*, *ibidem*.

os encontros se proporcionem, seja na presença de Rufina ou de outras pessoas da família. São frequentes as alusões à passagem pela casa de visitas, nomeadamente, os familiares e amigos, em que Alexandrina se encontra presente, como se fizesse parte daquele agregado. Nessas ocasiões há, certamente, breves oportunidade para um olhar, um gesto, um beijo fugidio, quem sabe se a combinação de um encontro secreto:

Ainda me parece ver-te e ouvir-te! Que encanto e que superior gozo pensar depois na felicidade que passou, tão rápida, como passa tudo, o que ha de bom na vida! Lembras-te? Se te lembras, meu amôr; não o esqueças mais, que eu nunca poderei esquecer! Que depois das alegrias supremas resta-nos a saudade, como o mais dôce consolo, o unico recurso, o unico recurso [sic] d'um soffrimento continuo.⁷⁷

Mas o amor não é só feito de rosas e Marcelino tem disso plena consciência. De vez em quando, assenta os pés na terra e, enquanto evoca a imagem da amada, lamenta-se por a ter conhecido “n'este momento miseravel da vida, (...), em que tudo me fôrça a encontrar um amôr que ostentaria, com orgulho, deante de todos”.⁷⁸ Reconhece, enfim, que ninguém “póde saber que secreto destino a sorte lhe reserva”.⁷⁹ Pela leitura das cartas percebem-se os momentos da consumação do amor⁸⁰ e da culpa subsequente. Ele trata-a como uma criança frágil, prometendo esforçar-se para que ela não corra nenhum perigo ou sofrimento. Por outro lado, confessa-se temeroso e ciumento: “ a edêa [sic] de te perder, por qualquer modo, enche-me o futuro d'uma nuvem tão negra de dores, que me parece impossível resistir-lhe”.⁸¹ Deduz-se que Alexandrina se mostre, por vezes, desagradada, uma vez que ele lhe pede paciência, inquietando-se com as suas queixas e maleitas, incitando-a ser corajosa e dando-lhe esperanças de uma vida melhor no futuro: “Faze a diligencia de comer bem [...]. Tem esperança que brevemente seremos felizes”.⁸²

Apesar de todo o cuidado revelado, Marcelino não está isento do sentimento de posse e não coloca qualquer obstáculo à exposição desse sentimento, mostrando-se “exigente, como qualquer amante cioso”, assumindo-se

⁷⁷ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁷⁸ Idem, ibidem.

⁷⁹ Idem, ibidem.

⁸⁰ “Sim, foram deliciosos o dia e a noite que passámos...”. Idem, ibidem.

⁸¹ Idem, ibidem.

⁸² Idem, ibidem.

incapaz de amar alguém sem sentir “o ciume a roer-me o peito, (...) cheio de máguas e desesperos”.⁸³ Conclui, por fim, para que não restassem dúvidas à natureza do seu sentimento: “Preferia perder-te para sempre a ver-te amar alguém”.⁸⁴

Lentamente, vai-se esgotando o tempo em que é possível sustentar as aparências e o escândalo não tardará a rebentar, apesar da colaboração de cúmplices na concretização dos encontros. Começa a ser difícil escapar aos olhares coscuvilheiros; receia-se algum descuido que possa precipitar a sorte dos acontecimentos. É o caso do esquecimento de objectos pessoais femininos no local dos encontros: “Pela razão porque não pude escrever-te não pude mandar a sombrinha e o leque. Este leval-o hei hoje. A sombrinha acho melhor mandal-a para casa da Emillia.”⁸⁵

Entretanto, devia estar a aproximar-se o Verão e Marcelino revelava-se apreensivo com a perspectiva de ficar dois meses sem ver a amante, visto que ela deveria passar esse período na Ericeira com os pais. Manifesta, então, expectativas de lhe poder fazer uma visita. No caso de tal não ser possível, “animar-me-ha a esperança de que serás sempre muito minha amiguinha, de que não te esquecerás nunca de mim”.⁸⁶ Usa de estratégias para a testar, fingindo-se compreensivo no caso de ela mudar de ideias. Nesse caso, adverte, “eu não terei mais ocasião de te incomodar (...) porque demais por ti tenho soffrido e precisarei acabar de vez um estado perfeitamente insustentavel”.⁸⁷ Nesta ocasião, chega a parecer que Marcelino pretende que *Baby* desista das férias na praia para evitar a separação, propondo-lhe que escrevesse a Rufina: “se tu quizesse (...) poderíamos passar muito razoavelmente o verão.”⁸⁸

Escreve-lhe continuamente cartas e bilhetes, às vezes mais do que uma vez por dia, embora não seja possível determinar-lhes a periodicidade, porque não se encontram datadas nem guardadas nos seus envelopes de origem. A determinada altura, subentende-se que se encontra a residir numa casa que não é aquela que habita com a mulher, levantando a suposição de que mantém um alojamento

⁸³ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁸⁴ Idem, ibidem.

⁸⁵ Deduz-se tratar-se da esposa do (António) Pinho (da Cunha), um amigo muito mencionado nas cartas, residindo na Rua Barata Salgueiro. Idem, ibidem.

⁸⁶ Idem, ibidem.

⁸⁷ Idem, ibidem.

⁸⁸ Idem, ibidem.

alternativo. Outro pormenor significativo desta correspondência é a informação dada sobre a aproximação da mulher no momento em que se encontra a escrever. Tudo é revelado de forma minuciosa à amante:

Chegou a M. Interrompi a tua carta. Teve questões com os pais e quer mudar-se para aqui. Veio vê as cazas e diz que as acha muito boas. Vamos a ver em que isto pára. Se tu andasses ainda connosco, como seria bom o estar-mos [sic] separados. Agora nada me importa. Penso no futuro, apenas. Um futuro que eu tenho sonhado tanto e que me parece não poderei nunca alcançar. Como me magoa esta edêa [sic] e quanto eu daria para ler a minha vida pelo tempo adiante.⁸⁹

Apesar das limitações materiais, os manuscritos parecem não deixar dúvidas quanto à determinação de vir a assumir um compromisso com Alexandrina, admitindo a possibilidade de pôr a mulher legítima ao corrente dessa vontade, se bem que, como se sabe, fosse praticamente impossível dissolver um casamento naquela época. Todavia esta afirmação é tecida com muita cautela, pois, na verdade, apenas é possível compulsar uma amostra significativa do que escrevia à amante, desconhecendo-se o teor exacto das conversas e discussões com a esposa, bem como as reacções desta. Do mesmo modo, seria importante poder ter tido acesso à correspondência de Alexandrina para o amante, cuja existência apenas se pode depreender pelo contexto das cartas que recebia de Marcelino. Clarifique-se: se se pode seguir passo a passo cada pulsação de Marcelino, o mesmo não se consegue em relação a Alexandrina, da qual não se encontrou um único testemunho escrito. São as cartas dele que vão permitindo tecer a trama em que se vai enredando a sua vida e as dos que o rodeiam:

Hontem houve scena lá em caza por tua causa. Tudo puz a direito. Mas preciso fallar-te porque preciso tomar uma resolução definitiva. Que supplicio o meu. Não durmo, nada faço sem pensar em ti. Acordo toda a noite sempre a ver-te, sempre com a tua imagem na cabeça. Que amôr o meu e como eu receio ser infeliz de futuro. Se eu soubesse que tu farias por mim o que eu tenho que te pedir e hei-de pedir a 1ª vez que te fallar eu seria o mais feliz dos homens. Tenho não sei que esperança de que o farás: se me amas como dizes, e eu quero para bem do meu espírito acreditar, tu serás ainda a minha felicidade, a minha aventura eterna.⁹⁰

⁸⁹ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁹⁰ Idem, *ibidem*.

A crise conjugal estava, portanto, instalada. As razões e as circunstâncias em que decorre, só podem ser inferidas pelos desabafos que Marcelino vai lavrando nas linhas que escreve: “Hontem não me foi possível escrever-te porque tive a visita da M. no consultorio, até á hora de jantar. Como calculas houve scena, que te contarei.”⁹¹ Ao aproximar-se o final do ano de 1889, os acontecimentos parecem precipitar-se. Há como que um hiato na correspondência que não permite cobrir o tempo que medeia entre Julho e Novembro, ou seja, o período que se segue às férias na Ericeira. Mas o surgimento dos sintomas de gravidez de Alexandrina não deixa lugar a dúvidas no que se refere à continuação do romance. Uma carta, felizmente datada, dá a entender uma reacção menos favorável da parte dela em relação aos propósitos dele. Marcelino queixa-se, então, que não esperava da parte dela tantos padecimentos: “Nunca imaginei que os pudesse ter (hoje!) vindos de ti”,⁹² confessa, antes de lhe solicitar “umas informações sem as quaes sinto que não posso fallar-te agradavelmente”.⁹³ Nesse dia previne-a de que prefere faltar ao encontro marcado: “Desculpa-me se te sou desagradavel mas sinto que seria mais se te fallasse agora”.⁹⁴

A partir do momento em que ambos tomam consciência da gestação, os ânimos alteram-se, confundem-se e vários cenários se conjecturam. Inevitavelmente, coloca-se a hipótese da interrupção da gravidez, não se percebendo muito bem de onde parte a iniciativa. Marcelino demonstra aqui alguma serenidade de espírito, chamando a si a quota-parte de responsabilidade, recusando-se a colocar os seus créditos em mãos alheias. De antemão, respeita a vontade e a decisão da companheira, qualquer que ela seja. Sendo médico, poderia procurar a melhor forma de ajudar a resolver a situação. Os registos apontam no sentido do estabelecimento de contactos de natureza sócio-profissional, por assim dizer.⁹⁵

Mas o Sol dava uma volta no horizonte e novos planos se architectavam: Marcelino tinha um primo em Abrantes, solteiro, bom rapaz, como é costume dizer-se, mas descontente com a vida que levava. Propôr-lhe-ia o consórcio com

⁹¹ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁹² Idem, s/l, 22 de Novembro de 1889.

⁹³ Idem, ibidem.

⁹⁴ Idem, Ibidem.

⁹⁵ “Envio-te a resposta do Barcellos. O homem não quer dar a opinião, mas diz que lhe parece melhor no caso de se fazer, fazer-se assim como está. Tu o dirás.” Idem, Ibidem.

Alexandrina, encarregando-se de lhe arranjar uma boa situação em Lisboa: emprego, casa e até um suplemento financeiro para ajudar nas despesas da família fictícia. Várias cartas testemunham os contactos que com o primo vai estabelecendo. Mas era preciso que ela estivesse pelos ajustes, o que não aparentava ocorrer. Para *Baby* congemina-se outra situação: embarcar tão breve quanto possível para África, a fim de casar com alguém supostamente relacionado com a família. Como não podia deixar de ser, essa ideia era inconcebível aos olhos de Marcelino:

Não compreendo porque te não deixam cazar com meu primo e como é que n'esse estado pensam em te mandar para a Africa[...]. Tu sabes que o [que] me convinha e acabava com tudo isto era ir para S. Luiz esperar uns dias. Tinhas talvez um meio. Eu dizel-o ao Alexandre ou á Mulher, isto é, dizer-lhe que não podias cazar com [o] tal X [sic] e pedir-lhe para te fazerem entrar para o Convento ou o Recolhimento. Se elle é teu amigo, como dizias, não te deixará partir e sobretudo cazar á força.⁹⁶

Partindo do princípio de que se referia aos pais de Alexandrina, sugere-se a seguinte interpretação: Marcelino conversaria com os pais dela, pondo-os ao corrente da gravidez da filha (facto de que ainda não seriam conhecedores) e tentaria, desse modo, travar o embarque. *Baby* acha a ideia disparatada e propõe antes o embarque clandestino dele. “Ir no paquete e fugir á tola”, seria uma loucura tola, responde-lhe. Recomenda-lhe calma, pede-lhe um tempo para descansar e pensar melhor: “tenho a cabeça em agua d'estes 3 dias.”⁹⁷ Insiste na ideia de a hospedar em S. Luís, uma instituição de recolhimento feminino, confrontando-a com o assentimento dela dias antes: “Tinhas-me dito (...) que conseguirias ir (...). Eu fiquei tão contente, estaria tudo tão bem encaminhado. Mas é sina que tudo corra mal.”⁹⁸ Mau grado a indecisão dela, não se deixa subjugar pelo pessimismo, mantendo acesa a paixão, revelando-se sempre carinhoso e ansioso por tornar a vê-la.⁹⁹

Desconhecendo-se as razões que a pressionam, Alexandrina vai seguindo o seu caminho, aparentemente indiferente às lamúrias do amante: “Agora que eu

⁹⁶ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

⁹⁷ Idem, Ibidem.

⁹⁸ Idem, Ibidem.

⁹⁹ “Eu tenho milhões de coisas para te dizer e a escrever-te, não me ocorrem, esqueço-me. [...] Vou ver-te agora que é melhor para mim.” Idem, Ibidem.

precizava saber dia a dia o que se passa, nada sei. (...) Pois devias ter tempo para me escrever.”¹⁰⁰ Com os nervos à flor da pele, Marcelino não contém o despeito e o inconformismo por o colocarem à margem de decisões onde também se considera tido e achado. Fala em tom objurgatório da “rapidez com que tudo se tem feito”, reclamando que, no mínimo, o ponham ao corrente do sucesso dos acontecimentos. Nesta fase, refere-se pela primeira vez, de forma concreta e objectiva, ao ser que Alexandrina carrega dentro de si, reivindicando o desejo de o assumir, disposto a acolhê-lo até, no caso de a mãe o rejeitar: “Quero o meu filho ouviste? Quero-o. Irei buscal-o se fôr preciso. É o teu filho, o nosso. Ouviste? Quero que só o deixes declarado. Não é preciso, tenho as tuas cartas.”¹⁰¹

Nesta fase atribulada da vida, Marcelino está activamente empenhado na sua carreira política, afadigando-se nos compromissos eleitorais. Na vasta e variada troca de mensagens com Alexandrina é frequente encontrar a expressão do desgaste físico e psicológico provocado pelo conjunto de circunstâncias que o rodeiam. Confessa-se “cansado de conferencias e truques políticos”,¹⁰² tentado a desistir de tudo, mas, ainda assim, convicto de que o sacrifício se venha a traduzir na melhoria do seu nível de vida. “Se não fosse um degráu para para poder subir, abandonava tudo”, desabafa numa das inúmeras cartas.¹⁰³ Nas eleições parlamentares de Março de 1890 é finalmente eleito, não pelo círculo do Cartaxo, como tanto desejava, mas pelo da Guarda, não escondendo o seu entusiasmo à companheira:

Escrevo-te do Martinho onde estou fallando naturalmente em politica, porque hoje é dia de fallar só em politica. Fui eleito pela Guarda como talvez ainda não saibas. Estou portanto pai da patria.¹⁰⁴

Esta última mensagem é particularmente profícua, na medida em que não deixa lugar a dúvidas quanto à data da sua entrada no mundo parlamentar e ao único círculo que representou. A restante correspondência privada relacionada com esta fase, permite também visualizar a movimentação de Alexandrina Ferreira. Por esses dias de Março de 1890 dera entrada no Recolhimento ou Asilo

¹⁰⁰ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹⁰¹ Idem, Ibidem.

¹⁰² Idem, ibidem.

¹⁰³ Idem, ibidem.

¹⁰⁴ Carta de Marcelino a Alexandrina, escrita do café Martinho, datada de 31 de Março de 1890.

das Irmãs da Caridade Francesas, designado, a partir deste momento, pelo nome vulgar de Asilo de Santa Marta, contrariando, como se percepciona os desígnios do amante. Contudo, o que importa é que, gradualmente, vão desaparecendo os receios da partida para África, o que, a verificar-se, redundaria no afastamento total e definitivo dos amantes. O assunto do casamento com o parente da província, tão esperançado em melhorar a sua situação que já dispensava a mesada oferecida pelo primo,¹⁰⁵ falou-se ainda durante um breve período de tempo, mas acabou também por se dissipar.¹⁰⁶ Marcelino parecia agora querer livrar-se dos tormentos que lhe causavam fortes dores de cabeça e muitas noites passadas em claro, à procura de uma solução que lhe tornasse o futuro menos negro.

Todas as suas atenções se viravam então para a saúde da mãe de sua filha, enquanto a preocupação principal passara a ser a obtenção de um aposento condigno, onde Alexandrina pudesse dar à luz em segurança e cuidar convenientemente da criança. Por isso, avisava-a de que lhe enviaria um colega de profissão para a examinar, rogando-lhe que não tivesse qualquer espécie de acanhamento em lhe mandar dizer tudo o que precisasse:

Tudo te posso satisfazer; manda sem receio. Deves mesmo fazel-o, por que sabes bem quanto sou teu amigo e serei sempre e entre nós não deve haver o minimo rebuço. Eu não quero que tu soffras a minima necessidade ou contrariedade.¹⁰⁷

Visita-a com regularidade, avisando-a sempre das horas a que pode ir, para que ela esteja preparada e possam sair para dar um passeio. Manda-lhe dizer quando não se pode deslocar e os motivos que o detêm, por vezes, em cima da hora: a chegada imprevista do pai – “apareceu-me em caza ás 10 horas quando eu me levantava e não me deixou até agora”,¹⁰⁸ ou de outras pessoas. Esforça-se para que não lhe falte nada, incluindo a tinta e o mataborrão que ela pedia. Lamenta apenas não poder satisfazer o seu maior desejo do momento: casar com a mulher que dizia amar acima de todas as coisas.

A leitura da correspondência que vem sendo referida revela que *Baby*, apesar de ter passado a viver num outro ambiente, se encontrava numa situação

¹⁰⁵ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹⁰⁶ Apesar de, segundo as cartas, ter havido contactos com o prior de Santa Isabel. Idem, ibidem.

¹⁰⁷ Idem, ibidem.

¹⁰⁸ Idem, ibidem.

totalmente diferente da reclusão. Além do amante, recebia a visita dos pais (geralmente da mãe, Lizzie), em horário flexível, antes ou depois do meio-dia, mas sempre de forma a evitarem o confronto. Marcelino fazia questão de se certificar previamente de que não correria o risco de se encontrar com a mãe dela. Quanto ao pai, Alexandre Ferreira, parecia ter optado por não visitar a filha naquela situação. “Já sabes naturalmente que teu pai não quer saber de nada”, lê-se num dado passo da correspondência.¹⁰⁹ Habitualmente, o casal apanhava o trem ou a tipóia que os levava a dar uma volta até ao Aterro ou outra zona mais afastada da cidade, para escapar a olhares curiosos e denunciadores. Esses momentos de descontração amorosa pela Lisboa de Oitocentos encontram-se devidamente anotados pela mão do escritor: “Com que saudades se recordam no outro dia os bons momentos que se passam juntos”.¹¹⁰

Era frequente que o estado físico e psicológico dela se ressentisse com esses passeios, o que nada tinha de surpreendente, visto que se expunha a condições climatéricas próprias da estação invernal. “Hoje provavelmente estás peor. É natural. Tu não tens juízo, nem eu”,¹¹¹ parecia repreender Marcelino, ele próprio atacado pelos malefícios do frio e das correntes de ar: “Como amanhã ahi vou, nada tenho que lhe dizer, senão que estou muito mal da minha garganta.”¹¹² Não tardará muito a manifestar-se ansioso por a tirar daquele sítio: “Não gosto de te ter ahi, não sei porque. Desgostou-me um tempo e hoje não me agrada. Vê se consegues ir para S. Luiz. Não estarás lá um mez, porque n’um prazo tudo se arranjará.”¹¹³

Todo o seu empenho concentra-se agora no aluguer de um lar, mesmo que tenha que percorrer um calvário de moradas até encontrar aquela que melhor se adegue às suas condições e possibilidades. Uma grande virtude do arquivo particular, é permitir uma avaliação da situação financeira das pessoas que retrata. Nesse aspecto, não se pode dizer que Marcelino nade em dinheiro, muito pelo contrário. Estava completamente posta de parte qualquer contribuição ou ajuda da família do Cartaxo e o que ganhava mal dava para as despesas correntes. Mesmo assim não dá mostras de vacilar no propósito de conseguir arrendar uma casa e

¹⁰⁹ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s.d.

¹¹⁰ Idem, ibidem.

¹¹¹ Idem, ibidem.

¹¹² Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, 14 de Abril de 1890.

¹¹³ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

tem a sorte de contar com um amigo colaborador: “O Pinho deve ir hoje ter com o homem da caza, para vêr-nos o que se pode arranjar.”¹¹⁴

Há sinais que apontam para a participação de Alexandrina nessa procura, evidenciando o desejo de permanecer numa zona central da cidade: “Fallas-me na tua carta de hontem em caza na Avenida. Parece-me que não convêm nada caza n’esse sitio, nem sei, nem lá vejo a caza a que te referes com escriptos.”¹¹⁵ Detecta-se alguma ambiguidade da parte de Marcelino quanto à escolha do melhor local. Tão depressa fala em procurar casa em Lisboa, nas zonas de Campo de Ourique e Estrela, por exemplo, como manifesta a opinião de ser preferível tê-la mais longe, reconhecendo, no entanto, as desvantagens de estar longe da mãe, com quem, naturalmente, ela teria uma forte ligação: “em Torres [Vedras], estavas perfeitamente, affastada, e bem tractada e eu ficava descaçado”.¹¹⁶

Outra nota interessante exibida pela correspondência é o afadigamento quotidiano dele, multiplicado por diversos afazeres, a ponto de descurar as refeições e ver escassear o tempo para fruir da companhia feminina. A presença do pai continua a ser muito condicionante:

Amanhã mando-te o trem depois das dez horas porque até essa hora tenho consulta na pharmacia. Depois não sei onde iremos porque meu pai está cá e aborrece-me estar no consultorio em sobressaltos. Eu indagarei onde poderemos ir almoçar. Eu almoçar e tu jantar. O dia está tão bonito para o campo e é provavel que amanhã assim esteja.¹¹⁷

Não faltavam razões a Marcelino para se sentir acossado por vários sectores, surpreendendo que mantivesse a lucidez para cumprir os seus compromissos e actividades particulares e ainda lhe sobrar tempo para assumir responsabilidades do foro social e político. Um dia, quando tudo parecia bem encaminhado, torna a estalar a bomba do escândalo doméstico. De passagem pela zona de Santa Marta, o sogro depara-se com ele à saída do Asilo e vai contar tudo à filha Rufina, mulher de Marcelino:

¹¹⁴ Carta de Marcelino a Alexandrina, escrita do café Martinho, datada de 31 de Março de 1890. Parece tratar-se de António Pinho da Cunha.

¹¹⁵ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹¹⁶ Idem, *ibidem*.

¹¹⁷ Idem, *ibidem*.

Imagina que sujeito e que juízo d'homem. O que ganhou elle com tal procedimento? Não sei. Há coisas que revelladas so podem acarretar desgostos e não remedeiam coisa alguma. Esta é d'essas. Imagina pois a noite que eu passei. Sahi de caza sem jantar logo que soube da novidade e voltei á meia noite para dormir, o que consegui; tão cansado me sinto.¹¹⁸

Para cúmulo do desgaste, ainda tinha que respeitar os compromissos assumidos com o pai, ou, melhor dizendo, os assuntos em que o pai o envolvia e a que ele correspondia para não o contrariar. É o caso de uma deslocação ao Cartaxo para tomar parte num determinado evento, precisamente na altura em que tinha tudo combinado para acompanhar a retirada de *Baby* de Santa Marta. Tanto esforço a convencê-la da decisão e tanto empenho a sossegá-la de que tudo correria a contento! Não fosse a sua grande capacidade de encaixe, a grande disponibilidade que sempre manifestava para atender a todas as solicitações e esta viagem inoportuna teria constituído mais um motivo de desgaste. É sugestiva a forma como parece solucionar a impossível ubiquidade adicionada a outros factores:

Já que é preciso, para tu entenderes as coisas, vou pôr os pontos nos ii. Eu só posso ir buscar-te ahi de amanhã por deante porque só amanhã 6ª feira recebo dinheiro. Se tu vês que eu não tracto com a desejada rapidez de caza para onde vás é porque bem sabes que sem dinheiro nada se pode fazer. É isto que me tem prohibido de ter tudo arranjado já como tu desejavas e eu; é isto que me tem preso de ir saber aonde podes estar bem como eu desejo e perto d'aqui para te poder ir vêr todos os dias. Posto isto que é claro e simples tu podes resolver para sabbado a hora a que queres que te vá buscar, na certeza que vás para um hotel por dois ou três dias visto que eu tenho que ir ao Cartaxo no Domingo e não posso deixar de ir. Vou bem contra a minha vontade porque embirro solemnemente com recepções, mas não posso deixar de ir por causa de meu pai¹¹⁹.

A recepção a que se referia relacionava-se, decerto, com a sua apresentação à elite local no novo papel/estatuto de deputado das cortes. A imprensa cartaxense da época testemunha bem a participação do pai e do irmão nos assuntos da política local, tendo assento na Assembleia Municipal. Não se estranhava, por isso, que quisessem exhibir o patricio, ouvindo o que tinha a dizer sobre a situação política e económica do reino.

¹¹⁸ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹¹⁹ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, 17 de Abril de 1890.

Enquanto isso, Alexandrina, não dava mostras de seguir as orientações do amante, para grande desespero deste. Inconformado pela desobediência dela, continuava a passar noites em claro, revelando-se ainda muito preocupado com a sorte do bebé. Coloca-se a hipótese de não levar a gravidez a bom termo ou de encontrar para o nascituro outro destino que não fosse o acolhimento por parte dos progenitores. Escreve-lhe uma carta extensa e repreensiva, desvendando o carácter das intenções dela:

Julguei que me farias o que te pedi. Isto não quer dizer que o não faças mas sem eu entrar para nada. (...) Espero então saber a tua resposta que peço seja pensada e reflectida com socêgo. (...) Figuras indecentes não farei porque me hão-de ser fataes na minha vida futura. (...) Tudo se remediará de futuro, em quanto que o que se quer fazer não terá nunca remédio. És livre para o fazeres se quizeres, mas eu é que não devo entrar n' isso. (...) Deus queira que sejas prudente e sensata.¹²⁰

O final do mês de Abril parece, finalmente, ter trazido algum desanuiamento. Alexandrina deve ter-se rendido às intercessões de Marcelino, dispondo-se a colaborar. As mensagens dão agora instruções para que ela proceda à retirada com toda a discrição possível. Deverá dirigir-se à casa do Pinho e esperar lá por ele. O detalhe na identificação do local leva a crer que ela não conhecia bem a casa.¹²¹ António Pinho e a esposa, Emília, afiguram-se peças fundamentais nesta nova fase difícil e conturbada. Desempenham o papel de porto seguro e rampa de lançamento para o início de uma vida de casal clandestina. Um bilhete do Pinho denuncia bem a existência de laços de amizade e gratidão criados ou reforçados pela força das circunstâncias:

A E. está doente e não pode portanto ir hoje jantar com V. Ex^a. Assim, creio que sera melhor adiar esta festa - porque saiba, minha Senhora, que não prescindo já d'ella. Vou procurar o Marcellino para o prevenir d'este contratempo.¹²²

¹²⁰ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹²¹ “O prédio côr de rosa da esquina da Rua Barata Salgueiro, 2º andar (...) nº (...) 186 ou 200, não sei bem, mas parece-me que é o primeiro (...) no quarteirão em frente ao corêto”. Duas mensagens curtas de Marcelino a Alexandrina, num envelope com carimbo de Lisboa, 30 de Abril de 1890.

¹²² Bilhete de António Pinho a Alexandrina Ferreira. Assinado Pinho da Cunha, datado de Domingo, 7.

A partir deste momento surgem alusões à passagem por quatro moradas, pelo menos, num curto espaço de tempo. A primeira encontra-se inscrita num envelope vazio destinado a *Baby* com a direcção de Rua dos Ferreiros à Estrela, nº 3, 1º. A segunda morada, Travessa de Santa Gertrudes, nº 42, rés-do-chão, é apontada como o local do nascimento da criança, aos doze dias de Julho de 1890.¹²³ Com efeito, confirma-se que é para este último endereço que Marcelino envia cartas e recados, quer em envelopes de cor azul com o timbre do *Portugal*, jornal que fundou e governou durante o primeiro semestre de 1891, quer em pequenos envelopes brancos com a sigla da Câmara dos Deputados. Por conseguinte, se se atender à data em que teve início a sua actividade de deputado (Maio de 1890) e aquela em que esteve à frente dos destinos do jornal, pode concluir-se que Alexandrina permaneceu cerca de um ano naquela morada.

A existência de muitos envelopes e cartões do *Portugal* enviados para a Calçada da Estrela, permite situar mãe e filha neste novo endereço desde o 1º semestre de 1891. A partir de 1892 e durante pouco mais de uma década, a correspondência passa a dirigir-se para a Rua do Cabo, nº 77, a Santa Isabel. O acervo em referência, apesar de não tratado, permite ficar-se inteirado de grande parte dos passos do dramaturgo, pelo seu próprio punho, até, sensivelmente, Março de 1903. Depois dessa data, as cartas para *Baby* escasseiam, ou são substituídas por outras dirigidas à filha, o que, bem entendido, não equivale a afirmar que tivesse havido interrupção no relacionamento.

2. 3. A face oculta

A vivência de Marcelino com Alexandrina desenvolve-se de uma forma necessariamente diferente do estereótipo comum, com o secretismo e a discrição indispensáveis à manutenção das aparências. Ele continuava a ser o cidadão oficialmente casado; ela, a menina solteira que pusera no mundo uma criança quase por obra de um milagre, visto que não lhe foi consentido registar o nome do pai. Aparentemente, não lhe assentariam bem os epítetos do género de *manteúda*, *loretta*, ou *cocotte por conta* que se aplicavam à mulher que, sendo casada,

¹²³AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p.58.

mantinha uma ligação adúltera, ou àquela que, não o sendo, vivia maritalmente com um homem casado.¹²⁴ Sem se pretender entrar em detalhes sobre a reputação da jovem no círculo social a que pertencia, que não teria permanecido intacta, supostamente, não há dúvidas sobre o seu carácter de seriedade e integridade moral. Para a manutenção dessa discrição muito terão contribuído o apoio expresso da mãe que sempre a acompanhou e o esforço de Marcelino na prestação do bem-estar e na satisfação das principais necessidades.

A proibição do divórcio na lei portuguesa mantinha-o vinculado ao casamento, impedindo-o de qualquer outro compromisso. Consequentemente, tornava-se impossível legitimar o nascimento da filha e aperfilhá-la, transmitindo-lhe o nome de família. *Tininha*, como sempre foi conhecida, foi baptizada Inês Alves Mesquita, recebendo o apelido paterno por via do tio António, seu padrinho de baptismo. O nome de Marcelino apenas teve direito a constar como padrinho, muito mais tarde, nos autos do casamento da filha com Duarte Ressano Garcia.

Tal como tem vindo a ser dito, são raras as referências à vida conjugal de Marcelino com Maria Rufina, a esposa legítima. Pelas mensagens dele a *Baby*, ficam a perceber-se algumas manobras de um sogro apostado em comprovar o adultério do genro, como se o pretendesse apanhar em flagrante delito. Por outro lado, já se fez referência ao facto de ele ter posto a mulher ao corrente do seu *affair*. Não se encontrou qualquer indício que aponte no sentido de perceber o momento da separação do casal, embora os dados não sugiram outra situação que não fosse a de afastamento.

Igualmente se torna impossível falar declaradamente de coabitação efectiva com Alexandrina, pese embora o facto de a correspondência fazer supor uma grande proximidade, ou, pelo menos, uma assiduidade regular nas visitas à casa da companheira e da filha. Marcelino parece manifestar, sobretudo nos primeiros tempos após o nascimento da criança, um natural sentido de zelo em relação a esta e à mãe. A forma de comunicação mais assídua e imediata continuava a ser a troca de cartas ou bilhetes com mensagens breves, entregues por mão ou via postal, consoante as circunstâncias o permitissem.

Por conseguinte, ele apresta-se a enviar, com mais ou menos regularidade, o dinheiro para os gastos, desculpando-se, quase invariavelmente, por não poder

¹²⁴ Itálicos nossos. Cf. Barreira, Cecília, *História das Nossas Avós*, pp. 77, 78.

mandar mais. Mau grado a penúria, manifesta todo o empenho em obstar às necessidades mais prementes do lar que passou a sustentar. Deduz-se até que confia a Alexandrina a gestão dos seus recursos, como se pode constatar pela frequência dos recados: “Manda-me cá abaixo [ao Martinho] o sr. João ou qualquer com 15 000 rs.”¹²⁵ “Para eu ficar descansado, pede à Maria 5000 rs. Se forem precisos (...) tornam-se-lhe a dar”.¹²⁶

Serve-se de bilhetes com mensagens breves para anunciar as suas visitas ou prevenir atrasos e ausências. Muitas das vezes denunciam os locais de onde são emitidos: Grémio Literário, *Martinho*, *Havaneza*... Apesar da economia de palavras nesses textos rápidos é interessante reparar no enfoque que lançam sobre os movimentos de que Marcelino gosta de dar conta. Recados com enunciados tão banais no momento em que foram produzidos, mas que adquirem hoje o peso e o significado de pequenas preciosidades. “Precizo ir hoje ao Gremio”, ilustra bem a frequência dos espaços de encontro de intelectuais e políticos. Outras expressões transmitem dedicação ao trabalho e responsabilidade pela obtenção de meios de sustento: “Não vou hoje porque espero Luiz Fernandes para tractar negocios e nada tenho de jornal”; “Estou tractando de letras e pôr em ordem os juros”.¹²⁷ Num dos bilhetes refere que vai “à estação ao bota fóra do João Vianna e depois venho para o consultorio trabalhar”,¹²⁸ não se percebendo bem se se vai despedir solenemente de algum amigo que parte em viagem, ou se vai assistir ao lançamento à água de algum navio.¹²⁹

Por sua vez, não se pode dizer que Alexandrina fosse posta à margem do seu convívio ou do seu aparecimento público. Pelo contrário, envia-lhe amiúde convites e ingressos para espectáculos de teatro e ópera, avisando-a com antecedência para a demora no caso de resolverem passar pelo “meio-bife”.¹³⁰ Sempre que pode, gosta de comparecer às refeições em casa dela, fazendo-se também anunciar: “Como tenho uma première resolvi ir jantar ahi. Nada de luxos.

¹²⁵ Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹²⁶ Idem, ibidem.

¹²⁷ Todas as expressões são retiradas de bilhetes avulsos enviados por Marcelino a Alexandrina. Nenhum refere local ou data.

¹²⁸ Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d. *Bota-fora* é um termo familiar que significa o acto de despedida de alguém que se acompanha até ao momento da partida. Cf. *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Academia de Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001, pág. 567.

¹²⁹ Parece óbvio tratar-se de João de Melo Viana, amigo a quem dedica a *Pérola*. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 96.

¹³⁰ Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

(...) Jantar à sombra da parreira”; “Janto contigo hoje, para pagar a ausencia de hontem.”¹³¹

Alguns cartões, como aquele em que se desculpa por mais uma falta - tem que ir esperar o irmão à “estação do Norte” (Santa Apolónia) - desvendam a rede de pessoas com quem trava relações: “O Arriaga manda dizer à senhora que ahi deve estar que tenha a bondade de vir para baixo só, que elle não pode ir e que venha pelo Martinho”.¹³² Uma receita de “alúmen calcinado” e “mel corado” com o carimbo da “Pharmacia Lopes”, no “Largo da Paschoa”¹³³, passada pelo médico Marcelino Mesquita, revela ainda que ele não entregava a terceiros o atendimento às maleitas domésticas. Outras receitas, datadas de 18 e 19 de Abril de 1892, respectivamente, acusam enfermidades oportunistas sofridas por *Tininha* ou por *Baby*.¹³⁴

Por um modesto maço de cinco cartas com o carimbo de Julho de 1892, percebe-se que Alexandrina se encontra com a sua filha de veraneio na Granja do Marquês, próximo de Montelavar. Marcelino, apesar de liberto das atribuições parlamentares, não consegue visitá-las com a regularidade desejada. Duas espécies de razões, intrinsecamente ligadas, o detêm: o pai e o dinheiro, ou a falta deste. Em certas ocasiões, refere o enfado que lhe causa a pressão paterna: “Calcula que não posso ir ahi hoje depois da scena d’esta manhã. Quando cheguei a caza estava meu pai a procurar-me. O diabo. Coisas que só a mim me acontecem.”¹³⁵ Noutra ocasião, modera os seus desabafos, reconhecendo-lhe razão e sentindo-se grato por, apesar de tudo, sempre ter estado no centro das preocupações do velho. Admite por fim que à beira de completar 36 anos, não dá indícios de ser capaz de assegurar a sua própria independência financeira, rendendo-se a aceitar o dinheiro e o fato que o pai lhe estende. Confessa-se, por conseguinte, merecedor de receber na cara, como bofetada justa, acusações de quase indigência: “diz sempre que eu não trabalho, etc., etc.”.¹³⁶

¹³¹ Bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹³² *Post-scriptum* de bilhete de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d. Refere-se, sem sombra de dúvida, a Manuel de Arriaga, de quem era colega na Câmara dos Deputados, embora não se tenha averiguado o relacionamento entre ambos.

¹³³ Estabelecimento muito próximo da casa onde vivia *Baby*, na zona da Estrela.

¹³⁴ “Mistura anti-h [...] de Rivière, duzentos grs”; “antypirina, duas grammas em quatro papeis”. (Receitas com a assinatura do facultativo Dr. Marcelino Mesquita).

¹³⁵ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹³⁶ *Idem*, *ibidem*.

Nesse Verão de 92, a vida de Marcelino não estava fácil: tinha que se repartir entre o Cartaxo, onde estava agarrado a compromissos da política local, Lisboa, o centro da sua actividade e agora Montelavar, sítio de difícil acesso para onde Alexandrina se retirara com a filha, a fim de gozarem os bons ares da região. A presença no Cartaxo, mesmo imposta, não devia deixar de ter as suas compensações, pois é difícil imaginar que o velho Mesquita o deixasse abalar de bolsos vazios: “Meu pai embirra em que preciso cá estar sempre mais que um ou dois dias de cada vez para esta gente me vêr e para ir com elle ás diversas assemblêas.”¹³⁷ Não obstante, a penúria continua a ser uma constante na limitação da sua acção: umas vezes diz que ficou sem dinheiro, outras que só pode mandar determinada importância. Sucede ainda escrever a avisar que não vai ter com ela “porque espero respostas do dinheiro”.¹³⁸ Enfim, está sempre a contar “receber dinheiro em grande” para ver se endireita de uma vez a vida.¹³⁹

Por sua vez, *Baby* enfrenta a angústia de saber se ele aparece ou não por lá a visitá-la. Sente-se um tom derrizador na correspondência: “Lembra-te que se a semana que passou eu não passei um dia inteiro contigo a culpa foi tua”.¹⁴⁰ E retornando à carga, admoesta: “Não queres crêr que eu não te mereço o que me fazes, eu não o posso remediar mas verás sempre que tudo redunde em incommodos, em saudades e em despesas inúteis”.¹⁴¹ Marcelino já não tem paciência para amuos e cenas de ciúme. Por vezes desgasta-se, parecendo confirmar o que dele afirma Zelinda Pêgo:

Ele só queria o que não tinha, tal como o demonstra em alguns dos seus versos: «Todo o sonho, quando se torna realidade, enjoa e cansa». «Pode ser bela e cristalina a fonte; bebeste nela? Foi-se embora a sede».¹⁴²

O desinteresse ou desgaste que aqui se pode, eventualmente, alegar não equivale a afirmar peremptoriamente algum tipo de negligência em relação aos compromissos assumidos, uma vez que Marcelino continuava a desenvolver todos os meios para que nada obstasse ao bem-estar de *Baby* e da sua *Tininha*. Tanto

¹³⁷ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹³⁸ Idem, ibidem.

¹³⁹ Idem, ibidem.

¹⁴⁰ Idem, ibidem.

¹⁴¹ Idem, ibidem.

¹⁴² AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 62.

assim é que não desiste de continuar a procurar um lugar onde elas possam estar mais perto do seu convívio durante o período estival. Chega a propor à amante trazê-las para a Quinta da Ribeira, mas rapidamente se arrepende e desgosta da ideia, porque “tem feito um calôr horroroso como nunca”.¹⁴³ De resto não se vislumbra nenhuma simpatia de Alexandrina pela hipótese de trocar a relativa proximidade da cidade e dos ares marítimos pelo isolamento do campo.

Noutro ponto da correspondência revela ter pensado no Cacém “ou em sitio menos concorrido onde pudesses estar e eu pudesse ir vêr-te todos os dias ou quasi todos.”¹⁴⁴ Seria preferível à distante Granja do Marquês, longe de todos os acessos, para onde tinha que gastar uma boa dose de tempo em viagens e mudanças de transporte: de comboio até Sintra, a cavalo ou de carroça até Montelavar. De qualquer modo, continua a insistir nas vantagens de estarem mais próximos, “porque se acabavam assim as contrariedades, e pensava em se arranjar mais perto uma casita que fosse também campo por cauza da Tininha”.¹⁴⁵ A chegada súbita de um telegrama vem resolver a questão, pondo fim às diligências para encontrar a tal casa de campo mais chegada. Marcelino manda a família regressar a Lisboa a todo o vapor: “Vem para Lisbôa no comboio da noute de amanhã. É melhor”¹⁴⁶. As férias tinham acabado. Nesse mesmo mês vê-se já a residência mudada para a Rua do Cabo, nº 77.

As cartas enviadas para esse novo endereço no período compreendido entre 1892 e 1903, elucidam o quotidiano de um casal separado pela força das circunstâncias, mas em permanente contacto, quer pelo fruto da sua união, quer pela necessidade constante de partilhar angústias e alegrias, preocupações e movimentos, projectos e expectativas. No derradeiro trimestre de 92 é notório o afã de Marcelino no trabalho eleitoral. Tem-se a convicção de que o centro da sua actividade política, a sede da sua candidatura à renovação do mandato de deputado, se situa no Cartaxo.

De Maria Rufina apenas se encontram referências indirectas muito mais tardias, quase confirmando um afastamento definitivo, inquestionável.¹⁴⁷ Separado de facto, mas não de direito, Marcelino assume a relação com

¹⁴³Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹⁴⁴ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

¹⁴⁵ Idem, ibidem.

¹⁴⁶ Telegrama de Marcelino para Alexandrina, Lisboa, 2 de Agosto de 1892.

¹⁴⁷ Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc.5.

Alexandrina, dez anos mais nova. Apesar de nunca poder formalizar essa ligação, ela será o principal interesse afectivo e amoroso da sua existência.

As grandes vicissitudes pessoais que caracterizaram esta fase da sua vida, não lhe tolheram a iniciativa nem o espírito criativo. De parceria com Gualdino Gomes, escreve e leva à cena no Teatro Avenida *A Tourada* (Revista do Ano).¹⁴⁸ Em Janeiro de 1891, funda o diário *Portugal*¹⁴⁹ cuja direcção assumiu durante praticamente todo o primeiro semestre desse ano. Entretanto a imprensa escalabitana dava à luz o famoso semanário (*O*) *Correio da Extremadura*¹⁵⁰ que anunciava a partida do “glorioso escriptor” para o Rio de Janeiro em digressão com a companhia teatral que ia representar a *Leonor Telles*. Seria, por conseguinte, durante o período em que exerceu o seu mandato de deputado, provavelmente numa fase de interrupção legislativa decorrida entre 9 de Julho e 30 de Novembro de 1891. De facto, os registos apontam no sentido de uma primeira viagem ao país irmão nessa altura, mas não se encontraram provas documentais nem outros ecos da digressão na imprensa coeva consultada.¹⁵¹

O mandato parlamentar cessou a 2 de Abril de 1892, a mesma data que se encontra apontada no *Registo do Pessoal Político da Câmara dos Senhores Deputados* como a do término da legislatura de 1890-1892. Pressupõe-se um encerramento conturbado, a julgar pelo balanço publicado no hebdomadário ribatejano: “ponto final de um periodo historico de bem triste memoria (...) sem ter deixado um beneficio unico marcado com o cunho de grande utilidade social”¹⁵². De facto, convém não esquecer que se tratou de um período negro na História de Portugal, inaugurado com o Ultimato Inglês, pontuado pela agitação pública que culminou na revolta republicana do Porto e sempre ensombrado com a recessão financeira e o fantasma da bancarrota. Mesmo assim Marcelino não desistia da política nem da aspiração ao círculo cartaxense, como o próprio jornal fazia questão de testemunhar.

Novas eleições foram marcadas para Outubro de 1892. À medida que a campanha avançava, Marcelino ia perdendo o respeito que anteriormente lhe

¹⁴⁸ Representada em 1889 ou 1892, não chegou a ser publicada. Marques, Aurélio, “As Ideias e Convicções” in AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 Anos*, p. 96. Cf. idem, *Marcelino Mesquita e o seu tempo* (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 17.

¹⁴⁹ *Portugal*, Ano I, nº1, 15 de Janeiro de 1891.

¹⁵⁰ *O Correio da Extremadura*, Ano I, nº1, 9 de Abril de 1891

¹⁵¹ *Idem*, Ano I, nº 26, 1 de Outubro 1891. Cf. c. Marques, Aurélio, *op. cit.*, (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 16.

¹⁵² *O Correio da Extremadura*, Ano I, nº 52, 2 de Abril 1892.

parecia devotar as páginas d'*O Correio da Extremadura* (entenda-se o respeito como candidato político, visto que a imagem pública de criador literário se mantinha imaculada). Referindo-se à demarcação de posições, o articulista do periódico depositava esperanças de que “o autor da Leonor Telles” se retirasse do círculo do Cartaxo para deixar o caminho livre ao opositor progressista.¹⁵³ Incrédulo com a relutância do candidato, o qual, na sua óptica, se deveria contentar com qualquer outro círculo arranjado por Mariano de Carvalho, cerrava o ataque, aproveitando para o rebaixar. Desvalorizava também a influência dos anti-progressistas locais, cujo porta-voz era o recém-aparecido (*O Provinciano*, outro periódico cartaxense):¹⁵⁴

Compreende-se a defesa na candidatura do sr. dr. Marcellino Mesquita, um filho do Cartaxo, que em tempo pugnou com proficiencia pelos interesses da sua terra natal no bem redigido semanario *O Chronista* – mas daí a escurecer, de uma forma aviltante, os serviços prestados pelo sr. Marianno de Carvalho é arrojado. Nem tanto ao mar nem tanto à terra. O mais chistoso, porém, é que ainda há pouco o sr. Mesquita asseverava ter certo o círculo do Cartaxo.¹⁵⁵

Estas e outras afirmações apenas serviam para acicatar o génio reactivo do visado, mas este prosseguia na corrida, indiferente às provocações e tentativas de ridicularização pessoal. Fez questão de convencer o eleitorado de ser representante de uma candidatura independente e, portanto, apartidária. *O Correio da Extremadura*, seguidor atento da campanha e apoiante declarado de Mariano de Carvalho, aproveitou o ensejo para dar largas à sua verve, elevando o candidato cartaxense ao estatuto de *S. Marçalino, o Mosquito*:

Propõe-se pelo Cartaxo, como candidato independente este santo, muito da devoção do geógrafo sr. José Duarte Lima que há muito lhe acendeu uma das suas velas. A propósito de independência, diremos (...): os deputados independentes começam, logo depois de eleitos, por perder o *in*, ficando *dependentes*. Pouco depois, perdem o *de*, ficando *pendentes* ... das casacas dos ministros. Finalmente, perdem o *pen* e restam-lhes apenas os *dentes* com que roem alguns ossos que lhes atiram. Sucederá outro tanto ao dramaturgo *S. Marçalino* (...)? Cremos que sim. Salvo se não houver mais frete de papeis para o Brasil.¹⁵⁶

¹⁵³ *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº 75, 10 de Setembro de 1892.

¹⁵⁴ *O Provinciano*, Ano I, nº 1, 20 de Janeiro de 1889.

¹⁵⁵ *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº 75, 10 de Setembro 1892.

¹⁵⁶ *Idem*, Ano II, nº79, 8 de Outubro 1892

Transmitindo uma ideia de força e de vitalidade que supera a natureza do debate, onde valia mais a elevação ao poder de um candidato influente do que a afirmação prática dos ideais democráticos, o tratamento jornalístico do combate político atinge as raias da difamação e da chicana, chegando a levantar suspeitas sobre a honradez do opositor, insinuando que se furtara a pagar a conta num hotel do Rio de Janeiro,¹⁵⁷ acusando-o da compra de votos e da recolha de assinaturas de pessoas pouco idóneas, para subscrever a sua candidatura:

O *Provinciano* do Cartaxo, órgão de S. Marçalino, o mosquito, botou suplemento há dias - um suplemento muito cheio de patriotismo e de independência - assignado por diferentes eleitores do Cartaxo. De entre as assignaturas de acaso figura Pedro Sérgio da Silva que nem eleitor é do círculo cartaxense, e a par deste muitos outros. Ora Belzebu se compadeça da mioleira do Mosquito, que com a saraivada de amanhã vai decerto ficar com os queixos à banda¹⁵⁸.

Ironicamente, são as próprias linhas do periódico escalabitano que permitem conhecer a máquina (ou algumas peças dela) que dão força a Marcelino. Além da propaganda garantida pelo *Provinciano* que, para o colega de Santarém, não passava de uma “folha” especializada em “bravatas”,¹⁵⁹ são referidos alguns nomes que correspondem, possivelmente, a magnates locais que pugnavam pelo médico-escritor, destacando-se a figura de José Duarte Lima, “um tal Azevedo fazendário”,¹⁶⁰ e o próprio presidente da Câmara Municipal de Rio Maior. Não há elementos que permitam determinar qual seria a estrutura partidária que estaria por detrás da candidatura de Marcelino, mas não será despropositado continuar a associá-lo às forças regeneradoras. A relação entre estas e os seus adversários progressistas não se pautavam propriamente pela cordialidade, podendo compreender-se a sanha com que se moviam em ambiente de disputa pelo poder.

No acerto de contas após o escrutínio, vem à baila mais uma “paródia” para desmoralizar Marcelino, cujo insucesso se consumara. Trata-se de informar os leitores das satisfações que o autarca riomaiorense teve que dar ao “barão da Casca Grossa do Cartaxo” (referência jocosa a Marcelino), sobre o paradeiro de 800 mil réis investidos na campanha. Nada mais se adianta, porém, a não ser o

¹⁵⁷ *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº79, 15 de Outubro 1892.

¹⁵⁸ *Idem*, Ano II, nº81, 22 de Outubro 1892.

¹⁵⁹ Expressões empregadas no artigo. *Idem*, Ano II, nº78, 1 de Outubro 1892.

¹⁶⁰ *Idem*. *Idem*, Ano II, nº82, 29 de Outubro 1892.

facto de se constatar a “magreza” dos votos lançados nas urnas cartaxeiras, a favor de Marcelino Mesquita.¹⁶¹

A edição do *Correio...* de 29 de Outubro de 1892 refere-se em termos caricaturais à derrota local do Partido Regenerador: “o candidato do sr. conselheiro Mariano de Carvalho obteve aproximadamente 3000 votos enquanto o santo Marçalino com peanha, vellas bentas de Duarte Lima e discurso do avinhado Azevedo fazendário apenas ganhou 453 votos!!!”¹⁶² Podia ter terminado aqui a aventura política de Marcelino Mesquita, mas uma detalhada busca nos *Diários da Câmara dos Deputados*, entre 1893 e 1894, dá conta ainda de novas tentativas. É referido, na acta da sessão parlamentar de 14 de Janeiro de 1893, como candidato não eleito no círculo 83 (Cartaxo), tendo recebido 1603 votos contra os 4295 obtidos por Mariano de Carvalho. O seu nome vem à baila uma derradeira vez pela voz do relator da *terceira comissão de poderes* que, em sessão de 6 de Outubro de 1894, informa que os resultados do acto eleitoral, decorrido pouco antes, se saldavam em 3940 votos na figura do candidato progressista, contra uns escassos 35 em Marcelino Mesquita.¹⁶³ Foi o bastante para se convencer definitivamente ser preferível render-se aos apupos e chufas do público e da crítica teatral, violentos mas sinceros, do que aturar por mais tempo as jogadas políticas eleitorais, caracterizadas pelos truques baixos, pela corrupção e pela ausência de lealdade.

2.4. Regresso às origens

Aos 40 anos o percurso de Marcelino tinha sofrido um novo volte-face. Atingira um estatuto elevado no firmamento cultural lisboeta, nacional e brasileiro, dado o sucesso das suas peças nos principais palcos. Com *Leonor Telles* e um elenco de luxo que contava com os melhores nomes do cartaz nacional, Eduardo Brasão, os irmãos João e Augusto Rosa, Virgínia, Rosa

¹⁶¹ *O Correio da Extremadura*, Ano II, nº85, 19 de Novembro 1892.

¹⁶² *Idem*, Ano II, nº82, 29 de Outubro 1892.

¹⁶³ *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*, Actas nº 8, de 14/1/1893 e nº 3, de 6/10/1894.

Damasceno, Posser, Ferreira da Silva,¹⁶⁴ percorreram a província e chegaram ao Brasil. A *Pérola* dera que falar, em primeiro lugar, pela reacção contra a censura de que foi alvo e, logo a seguir, pelo êxito alcançado. Muitas outras peças se contavam no seu currículo, marcando a história do espectáculo teatral: *O Senhor Barão*, *Os Castros*, *Fim de Penitência*, *O Velho Tema* e a muito badalada *Dor Suprema*. Sempre insatisfeito, concentrava-se, na tarefa que melhor lhe aprazia e que, provavelmente, mais compensações remuneratórias lhe trazia: a criação literária, especialmente dramática.

Da clínica não devia recolher grandes proventos, fosse por escassez de clientela ou por não ser rigoroso na cobrança das consultas. Torna-se difícil imaginar o cumprimento do horário do consultório, uma vez que se desmultiplicava em inúmeros afazeres e trabalhava até de madrugada. Além do mais, passava grandes temporadas no campo, em Pontével. Poucas informações há sobre o exercício clínico, o que não equivale a negar o seu desempenho, como o disseram ou pensaram alguns.¹⁶⁵ Esse deficiente conhecimento da sua actividade como médico prende-se com a irregularidade da sua prestação e adiciona-se a muitos outros aspectos da sua vida bem protegida da devassa pública, os quais não ultrapassavam a esfera da privacidade mesmo em círculos mais restritos, como é o caso dos amigos ou profissionais do espectáculo que com ele contactavam mais de perto.

De facto, era uma figura que se submetia ao julgamento da opinião pública, mas única e exclusivamente pelo trabalho que mais o absorvia: o de autor dramático e o de jornalista. Como médico encontra-se referência à sua actividade nas páginas da imprensa local em anúncios ou notas de agradecimento, quer pelo restabelecimento da saúde de algum notável da terra, quer em situações em que, apesar de todos os esforços do facultativo se tornou impossível evitar o óbito. Por ocasião da passagem do seu centésimo quinquagésimo aniversário natalício, organizou-se no Cartaxo uma série de eventos, entre os quais uma exposição onde não faltaram testemunhos da actividade clínica (receitas assinadas, instrumentos de trabalho, entre outros).

¹⁶⁴ Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 95.

¹⁶⁵ Considera-se exagerada e desprovida de fundamento a afirmação de que “Marcelino nunca exerceu clínica, [...] e enveredou pelas letras obedecendo ao seu instinto de escritor”. Carta de Carlos Santos a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 5.

A melhor forma de contextualizar a tomada de decisão em assentar arraiais na Quinta da Ribeira é regressar ao relato do irmão, António Mesquita:

Uma noite, estava eu na adega, andavamos com a faena da vendima, pára á porta a deligencia da estação do c/ de ferro e entra meu irmão. Abraço do costume e ao perguntar-lhe que bons ventos o trasiam por cá, suspeitei logo que deviam ser bem maus. Respondeu: eu tinha de tomar uma resolução. Ou escrever uma peça em que ganhasse uns cobres de que necessito absolutamente, ou dar um tiro na cabeça. Optei pela peça. Tens de mandar amanhã arranjar a casa da azenha da Ribeira de Pontevel (...) e mandam-me depois todos os dias o almoço e o jantar. Assim se fez com grande jubilo de meu pai e minha mãe (...).¹⁶⁶

Com os pulmões cheios do ar puro do Pinhal da Rola,¹⁶⁷ colheu inspiração para escrever, de uma assentada, a peça *Os Castros*¹⁶⁸ - doze dias, a acreditar no irmão - não sendo necessário esperar muito tempo para a fazer subir à cena. A produção literária não deixou de se intensificar a partir dessa altura. Continuou a escrever sobretudo teatro, mas também outros géneros, parecendo convicto de que encontrara o local ideal para expandir a sua veia literária. Não são escassos os registos em que exorta as virtudes do regresso ao contacto com a natureza em toda a sua plenitude:

A nossa terra, é o lugar, o sitio, as arvores, os rios, as cazas, os moinhos, os pinhaes, a Natureza local, emfim; onde o homem não entra senão como coisa acessoria, de ultimo plano; como um parasita, o peor dos animaes; esse rei da criação, o mais reles e o mais pifio dos reis.¹⁶⁹

O ambiente circundante, a exuberância natural e o pitoresco da região são descritos de forma impressionante, deixando transparecer um bem estar e uma harmonia deliciosos, produzindo textos que fazem coro com os autores românticos seus contemporâneos. Noutra perspectiva, segue as pisadas de muitos congéneres que recolheram à terra, para se reencontrarem e dar um novo impulso

¹⁶⁶ António Mesquita refere 1893 como o ano da instalação na quinta, relacionando-o com a data da estreia de *Os Castros*, mas, uma vez que se refere à vindima, será conveniente recuar a Setembro do ano anterior. Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

¹⁶⁷ Vasta área florestal integrada na propriedade da Quinta da Ribeira.

¹⁶⁸ Drama em 4 actos, representado pela 1ª vez no Teatro D. Maria II em 8 de Abril de 1893. Teve a 1ª edição nesse mesmo ano pela Livraria Popular de Francisco Franco. Marques, Aurélio, *Marcelino Mesquita e o seu tempo*, (brochura comemorativa dos 140 anos), p. 17. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp. 62 e 96.

¹⁶⁹ Escritos diversos de Marcelino Mesquita, EDMM, pasta 13, doc. 1.

às suas vidas. Recorda Herculano que, zangado com a capital, se retirou definitivamente para Vale de Lobos, não muito longe do Cartaxo, dedicando-se à exploração agrícola e à produção de azeite. O nome da família Mesquita continuava a soar forte no mercado da produção vinícola e a leitura dos escritos e cartas de Marcelino permite entrever o apreço pelas questões da terra. Dá conta de passeios frequentes pelos seus domínios, preocupando-se com a poda, a enxertia das árvores e outras fainas sazonais. Quando ocorrem intempéries que provocam o transbordo do rio que lhe passa por baixo da casa, ele próprio verifica os estragos causados. Refere-se às peripécias relacionadas com a vida dos serviçais da casa, empenha-se no negócio da compra e venda de vinho, dando, enfim, mostras de se preocupar com o funcionamento da propriedade.

Com a presença mais assídua na quinta proporciona-se também a criação de círculos de convívio. Entre o espólio reunido no arquivo da Biblioteca Municipal com o seu nome, no Cartaxo, podem ver-se registos fotográficos dessa vivência. Num desses registos, Marcelino surge retratado com o seu característico chapéu, sentado numa mesa ao ar livre com o pai, que aparenta ainda uma certa robustez, apesar da idade, a filha *Tininha* afagando um cão e algumas outras pessoas de identificação mais difícil.¹⁷⁰ Noutros registos de datação variável ou desconhecida, Marcelino deixou-se fotografar, ora à secretária, no seu estúdio sobre a azenha, fumando o seu cigarro *Nazir*, ora fazendo uma pausa na caminhada pela sombra dos pinheiros com a cadela *Lupa*. Nutria pelos cães uma estima extrema, a ponto de sofrer com o seu desaparecimento, como dá testemunho a propósito da morte do seu fiel *Rover*.¹⁷¹

Naquele recanto recebia a visita de muitos amigos que, anos mais tarde, dariam testemunho desses encontros:

Apesar de idades um pouco distanciadas, (...) fomos grandes amigos, nessa convivência, principiada, quando em férias escolares íamos passá-las a Pontével, palestrando com esse mestre de teatro, ouvindo o seu espírito cintilante nas conversas literárias, cultas, educadoras, prendendo pelo interesse e pelo domínio da sua inteligência. (...) Estamos a vê-lo com o seu largo chapéu de feltro negro, derrubado na aba, a sua tez muito morena, o olhar penetrante, persistente, a barba

¹⁷⁰ Foto reproduzida in AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 64.

¹⁷¹ EDMM, Dossier 2, doc. 16.

muito negra, aparada como a do duque de Guise, laço à *La Valière*, de côcas largas, envolto, no inverno, em capindó farto, alto, esgalgado, tendo a linha e traço dum *d'Artagnan*.¹⁷²

Quanto a Alexandrina, presume-se que não fosse muito assídua nas suas visitas e estadas, embora a correspondência que com ela mantém, ao longo de todo o restante curso da sua vida, pressuponha que ocupe nela um lugar insubstituível. Na fase inicial da instalação naquele espaço, Marcelino convidava-a insistentemente para a quinta, não apenas para que ela se pudesse familiarizar com o espaço e usufruir dele, mas, sobretudo, para que se estreitassem os laços com a filha, proporcionando-lhe uma vivência distinta da que tinha na cidade. Esses convites não parecem ter tido grande receptividade por parte de *Baby* que, não só não abdicava da sua vida na cidade, como se mostrava pouco conformada pelo relativo abandono a que se sentia votada.

Nas cartas percebe-se o recurso dela a uma certa chantagem emocional, lamuriando-se pela pouca sorte e frágil saúde, reivindicando a presença dele para ajudar a cuidar da filha, em determinada ocasião atacada de tosse convulsa.¹⁷³ Parecendo não valorizar muito os seus queixumes, ele vai-lhe fornecendo indicações por escrito, recomendando o máximo de repouso e a administração de “água de cal” e “bismutho” à criança, enquanto ele não chega para a examinar.¹⁷⁴ Aproveita uma dessas alturas para a culpabilizar pelo fracasso da sua inspiração, acusando-a de lhe provocar instabilidade psíquica como se poderá inferir das linhas seguintes:

Tu fazes-me e dizes o que queres e espantas-te quando eu respondo no mesmo sentido. (...) Se não fosse a tua carta teria ido hoje para Lisbôa como tencionava. Assim, fiquei incomodado e desde que te foste, até hoje, tenho escripto duas paginas. Quero vêr se estes três dias faço, sem falta alguma o que é indispensavel que vá feito e se me vou no sabbado sem falta, ou no Domingo á noite”.¹⁷⁵

Dá também ele o braço a torcer, queixando-se do isolamento a que se sente votado na quinta, especialmente à noite. Ironicamente, confessa-se saudadoso, não

¹⁷² Fragmento de artigo assinado por Fernando Baldaque no jornal *Notícias*, Lourenço Marques, 16/9/1932. O texto tem a virtude de poder situar em 1905 os factos a que se refere. EDMM, pasta 3, doc. 3.

¹⁷³ Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 25 de Agosto de 1892.

¹⁷⁴ *Idem*, s/l, s/d.

¹⁷⁵ *Idem*, *ibidem*.

da presença dela, mas do cão, o *Rover*, ainda vivo na ocasião: “faz-me imensa falta; tal foi o habito em que me puz de estar com elle”.¹⁷⁶ Não tardará muito a trazê-lo consigo de Lisboa e, em breve, o quotidiano do animal emparelha com o tema dos cuidados com a filha e a companheira, bem como das suas próprias mazelas. Em dado passo queixa-se de mau estar, “dôres nos rins e (...) na bexiga”, inchaço na cara e nas mãos, mas acabam por ser as andanças do cão a ocupar mais linhas:

Quem se diverte é o *Rover*, deitado nas vallas com água até á barriga por horas; anda cheio de pulgas e isso lá o afflige um pouco. Agora não quer carapáu nem peixe. De modo que do meu jantar elle come dois terços e eu um. Pão com manteiga, batatas fritas, sôpa que não seja de feijão, etc., petiscos é quantos appareçam mas peixe está enjoado e não vai nada. Creio que está mais magro mas não porque não tenha que comer.¹⁷⁷

É ainda o *Rover* o argumento utilizado para a trazer à quinta, para que ela o auxilie nas viagens de regresso à casa de Lisboa.¹⁷⁸ Dessa vez Alexandrina não parecia entusiasmada com o convite, talvez porque temesse pelo agravamento do estado de saúde da filha. Marcelino vai adiando quanto pode a sua deslocação, sugerindo medidas para ir obviando o mal de *Tininha*: “Chama o Gomes se ella não melhorar como espero”.¹⁷⁹ Desculpa-se com os múltiplos deveres e afazeres, relatando as peripécias que lhe acontecem, tecendo comentários e críticas à campanha eleitoral em que mais uma vez está envolvido. Numa ocasião, conta que chegou a casa todo molhado, depois de andar dias “a cavallo por montes e valles”, noutra que vem “côxo com uma perna ferida por um coice de cavallo”.¹⁸⁰ A expectativa de ser eleito deputado pelo círculo do Cartaxo ainda se mantinha. “A eleição está bem figurada”, “espero vencer”, “estamos resolvidos a tudo”,¹⁸¹ são expressões que emprega com frequência, denunciando irregularidades sem apontar nomes de ninguém: “Estão fazendo toda a corte de patifarias e para intimidar o povo tem prendido gente e dado cargas de cavallaria”.¹⁸²

¹⁷⁶ Carta de Marcelino a Alexandrina, Idem, ibidem.

¹⁷⁷ Idem, Pontével, 25 de Agosto de 1892.

¹⁷⁸ “É ainda o *Rover* uma razão para cá vires porque é um grande trabalho leval-o e elle não ficava ca sozinho”. Idem, Ibidem.

¹⁷⁹ Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 25 de Agosto de 1892. Deve tratar-se de um médico da sua confiança que já é referido na correspondência para Montelavar.

¹⁸⁰ Idem, s/l., s/d.

¹⁸¹ Idem, Ibidem.

¹⁸² Idem, Ibidem.

À distância, vai entremeando o bulício político com a actividade literária, o exercício da medicina com a gestão do lar da Rua do Cabo. Trata-se de um campo de acção razoavelmente abrangente para a época, entre Lisboa e Rio Maior com o Cartaxo por epicentro. Nas cartas refere-se ao pessoal doméstico da casa de Lisboa que não parece contente com o serviço: “Quanto à Marcolina, vê se ella vai ficando porque quando eu fôr, tracta-se”,¹⁸³ recomenda em certa ocasião. Noutra pede por tudo para não deixar ir embora a “Maria”, a não ser que houvesse forte motivo: “Se foste tu que a mandaste muito bem; se não foste então diz-lhe que eu lhe peço para ficar”.¹⁸⁴ Mais adiante referir-se-à à importância da empregada no acompanhamento da filha: “Ella far-nos-hia uma grande falta e à Tininha ainda maior”.¹⁸⁵

Depreende-se uma permanência a tempo inteiro do pessoal doméstico e o papel fundamental que desempenharia na organização das tarefas da casa. Marcelino insiste em que ela se mantenha calma, tentando convencê-la de que o sacrifício é por uma boa causa. Promete que quando ultrapassar a “estopada das eleições” tudo voltará ao normal: “Podemos também viver mais socegradamente”.¹⁸⁶ A certa altura confessa-se “muito incommodado cheio de saudades e aborrecido”, como se estivesse arrependido de ter entrado em mais uma aventura: “O que me compensa um pouco é a ideia de se vencer como espero tenho garantido o meu socego do inverno ahi em Lisboa, o meu e o teu”.¹⁸⁷ Estes desabafos são preciosos para ajudar à clarificação do carácter do seu envolvimento político.

A expectativa da eleição afigura-se mais como uma oportunidade de emprego de prestígio com remuneração assegurada do que como a satisfação de um ideal cívico ou político. Porém, como foi dito atrás, os ventos não lhe foram favoráveis e deram mais uma vez a vitória a Mariano de Carvalho, useiro e vezeiro na conquista do eleitorado local, para desespero do candidato dramaturgo. O que se estranha é o facto de Marcelino não ter alcançado outro círculo, como acontecera dois anos antes. Talvez desta feita não tenha movido convenientemente as suas influências e apoios, ou não se tenha apercebido bem das regras do jogo.

¹⁸³ Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 29 de Agosto de 1892.

¹⁸⁴ Idem, s/l, s/d.

¹⁸⁵ Idem, Ibidem.

¹⁸⁶ Idem, Ibidem.

¹⁸⁷ Idem, Ibidem.

Sobre esta matéria não se encontraram mais detalhes e o desaire sofrido deve ter ditado a sua retirada da vida política.

Gorada a aposta numa carreira parlamentar, resta-lhe a dedicação quase exclusiva ao exercício da escrita. Dessa intensa entrega vai dando testemunho na correspondência que se estende até 1903, desconhecendo-se o que sucedeu às cartas dos anos subsequentes, se acaso existiram. Resigna-se com o retiro campestre, sem que esta afirmação pretenda significar qualquer espécie de sacrifício. A sua Ribeira propiciava-lhe os ingredientes ideais para levar a cabo a empreitada dramaturgica. Não manifestava qualquer desejo de abdicar de Lisboa, de que sentia mais falta, sobretudo, quando o tempo estava invernos e não lhe permitia andar à vontade pelo campo, como tanto apreciava. Por esse motivo, ia alternando o exílio rural com visitas temporárias à capital, onde continuava a manter residência. O caseiro da quinta transportava-o, umas vezes de *charrette* outras de carroça, até às estações do Setil, mais próxima da sede do concelho, ou do Reguengo, distante uma légua de Pontével. Ali embarcava no comboio que o levava à cidade grande, numa viagem relativamente curta, dados os cerca de 50 quilómetros de distância.

Lisboa exercia sobre ele um fascínio especial, sem dúvida diferente do que lhe despertava o mundo rural. Lá podia sentir-se mais próximo do pulsar da civilização e punha-se ao corrente de tudo o que acontecia no mundo social, político e cultural. Vigia de perto a edição dos seus escritos e acompanhava a encenação e a representação das suas peças em vários teatros. Frequentava o café *Martinho*, como já se disse, mas também a tabacaria *Mónaco*, onde se encontrava com gente ligada ao mundo do espectáculo (actores, encenadores, empresários), aos jornais e à produção literária. A propósito deste último estabelecimento, descobriu-se que Marcelino colaborou numa publicação encomendada para a comemoração do seu 6º aniversário, em 1896. Um testemunho dessa participação pôde ser admirado numa exposição que esteve patente em 2007 numa galeria do Museu Rafael Bordalo Pinheiro. O espaço da *Mónaco*, vizinho do Café *Nicola*, em pleno Rossio, mantém-se identificado e ostenta ainda a sua bela cercadura de azulejos bordalianos, embora corra o risco de passar despercebido.

À beira do desfecho do século, em 1898, uma comissão executiva procede à abertura de um concurso público para comemorar o quarto centenário da chegada de Vasco de Gama à Índia. Puseram-se à prova doze trabalhos, sendo

distinguidos apenas três, entre os quais *O Sonho da Índia*, de Marcelino Mesquita, que conquistou um honroso segundo lugar. Contudo, involuntariamente, viu-se envolvido numa polémica suscitada pelos critérios da organização. Os pormenores dessa polémica deram muito que falar e podem ser seguidos nas páginas dos jornais da época. Porém, o melhor testemunho pode ser dado por Faustino da Fonseca, parte muito interessada na questão, reagindo bombasticamente com a publicação *O Escandalo dos Dramas do Concurso do Centenario da India*.¹⁸⁸ No seu protesto arrasou tanto os critérios da organização como os premiados. Por essa ocasião, também *O Século* tinha publicado um artigo de Marcelino que inspirou a uma reacção de Júlio Dantas, que poderia ter desencadeado um fogo cruzado se não fosse a intervenção do director do jornal.¹⁸⁹

Além desta ligação directa à efeméride referida, pode apontar-se uma outra indirecta, talvez não tão conhecida. Segundo Augusto Rosa,¹⁹⁰ foram fotografias do teatro de Marcelino Mesquita que exportaram a imagem da actividade comemorativa. O antigo actor, na época responsável principal pela empresa do Teatro D. Maria II, recorda que foi contactado pelo director do periódico parisiense *Le Théâtre* interessado em obter informações, quer sobre o Centenário da Índia, quer ainda sobre a arte dramática portuguesa. Dado o carácter urgente da solicitação e não havendo tempo para arranjar imagens do evento o director do teatro optou pelo envio do material fotográfico da peça que se mantinha em cena.¹⁹¹ As cenas de *O Regente* serviram então de ilustração para um “belo e elogioso artigo” intitulado “Le Théâtre en Portugal”, assinado por Ephrem Vincent. O texto em várias colunas ocupa cinco páginas e foi publicado em Paris, em Setembro de 1898. Uma cópia encontra-se guardada no espólio do dramaturgo, na Biblioteca do Cartaxo.¹⁹²

Há ainda uma efeméride a que Marcelino não ficou indiferente, ou não fosse, também ele, um autor dramático com uma significativa taxa de ocupação do palco do Teatro D. Maria II: a do nascimento de Almeida Garrett. Em seu louvor

¹⁸⁸ Fonseca, Faustino da, *O Escandalo dos Dramas do Concurso do Centenario da India*, Lisboa, Agencia Universal de Publicações, 1898.

¹⁸⁹ O artigo refere-se à publicação do texto de Marcelino na edição da véspera e reproduz a resposta de Júlio Dantas. EDMM, Pasta 3, doc. 1.

¹⁹⁰ Rosa, Augusto, *Recordações da Scena e de Fóra da Scena*, pp. 280, 281.

¹⁹¹ *O Regente*, drama histórico em torno dos acontecimentos que levaram à batalha de Alfarrobeira, estreou-se, de facto, em 1 de Maio de 1897, no D. Maria. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita, Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 96.

¹⁹² EDMM, pasta 1, doc. 33.

lavrou e fez subir à cena o *Auto do Busto*, pequeno texto em verso representado naquela sala, na noite de 4 de Fevereiro de 1899.¹⁹³

Nesse mesmo mês e ano subia à cena *Peraltas e Sécias*, grande sucesso de bilheteira, considerado na época o espectáculo que mais contribuiu para a recuperação financeira da empresa do D. Maria. A peça, que ultrapassou a centena de representações, permanece associada a um facto testemunhado in-loco pelo actor Carlos Santos nas páginas d' *O Século* e, pouco tempo após, nas suas memórias.¹⁹⁴ O episódio pode ser resumido em breves palavras: o rei D. Carlos, agradado com a qualidade da representação, pretendeu agraciar o dramaturgo com a insígnia de Santiago. Este, não deixando de agradecer o gesto, declinou diplomaticamente a distinção, informando o governante da sua convicção republicana. “Que pena, pelo menos neste momento, não poder ser seu correlegionário”, exclamou o monarca, nada escandalizado com a sinceridade do interlocutor. “Que tipo tão simpático!” terá comentado Marcelino, depois de se retirar do camarote real.¹⁹⁵ Apesar da recusa, a condecoração consta do seu registo biográfico patente no Arquivo do Teatro Nacional D. Maria II.¹⁹⁶

Esta peripécia, embora se possa considerar reveladora da sua convicção ideológica, não é absolutamente comprovativa de uma ligação a um movimento revolucionário ou a um partido político. Perante a falta de uma prova cabal de militância, é inevitável a associação ao ideal republicano quando se encontra nas páginas de um *blog* uma referência mais precisa que associa Marcelino Mesquita à inauguração do “Centro Escolar Republicano do Cartaxo”, em Dezembro de 1907, colocando-o à frente de “um curso livre de Ciências Naturais” que funcionava todos os domingos e quintas-feiras.¹⁹⁷ Podem considerar-se significativas as notícias sobre o relacionamento com personalidades bastante identificadas com aquela ideologia, como são os casos de Magalhães Lima, João

¹⁹³ AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp.97,98.

¹⁹⁴ Santos, Carlos, “Há 45 anos...” in *O Século* de 25 de Dezembro de 1945 e idem, *Cinquenta Anos de Teatro*, Lisboa, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, 1950.

¹⁹⁵ Santos, Carlos, *op. cit.* Há uma versão diferente contada por Matos Sequeira que diz que o monarca “lhe redarguira, em voz baixa, sorrindo: - Também eu...mas não diga a ninguém”. *História do Teatro Nacional D. Maria II*, p.434

¹⁹⁶ Dossier Registos Biográficos, n° 1055. TNDMII.

¹⁹⁷ Mendonça, Artur B. e Martins, José M., “Efemérides de Dezembro” in *Almanaque Republicano*, <http://arepublicano.blogspot.com>., consultado em 22/12/2007, às 18h43’

Chagas, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, para mencionar apenas alguns dos mais conhecidos.¹⁹⁸

A propósito destas ligações, Aquilino Ribeiro testemunha um facto que não parece totalmente desligado da colaboração de Marcelino com a causa republicana. Trata-se da perseguição a Leal da Câmara, por esse tempo jovem “desenhador e caricaturista na velha Lisboa mole e patriarcal, à qual começava a arrepelar a epiderme cascuda de conformismo a furunculose política anti-dinástica”.¹⁹⁹ O jovem revolucionário envolvera-se em actos provocatórios contra a ordem estabelecida, por volta de 1898, que o puseram na mira policial. Para se livrar do mandato de captura que sobre ele pendeu, uns amigos, que Aquilino não identifica, apressam-se a embarcá-lo em Santa Apolónia para se esconder na casa de Marcelino, no Cartaxo:

“Fica lá muito quietinho à espera que amaine a tempestade ou de instruções nossas para botares mais longe. - Mais longe...? Sim, homem Madrid, Paris, a casa do Deus verdadeiro.” No dia seguinte era Marcelino que recebia uma mensagem desilusiva: “Não há nada a fazer. Mete o teu hóspede no comboio e que role para Madrid sem olhar para trás. Dá-lhe 10 000 réis para seu governo e esta carta para o Chagas”.²⁰⁰

Na viragem do século, Marcelino continua a escrever de forma intensa e variada, quase sempre exclusivamente obra dramática. As peças de teatro parecem resultantes de um impulso frenético, como se fossem produzidas em série para serem rapidamente postas em cena e submetidas ao julgamento do público e da crítica. Só depois dessa prova eram, geralmente, publicadas, por vezes, em mais do que uma edição, como sucedeu com a famosa *Leonor Telles*, que teve 12 edições em vida do autor,²⁰¹ mas também de *Peraltas e Sécias*, *Envelhecer* e mais de metade das cerca de trinta obras que compôs. Há trabalhos que não chegaram a ser dados à estampa, como são os casos de *O Senhor Barão* (representada no Teatro Ginásio, em 1886), *Ser Pai* (Teatro D. Maria, 1898), *O Rei Maldito* (Teatro do Príncipe Real, 1903) e *Um Episódio da Guerra*, representado por amadores

¹⁹⁸ As ligações a figuras republicanas são referidas por Aquilino Ribeiro a propósito de Leal da Câmara (1876-1948). Ribeiro, Aquilino, *Leal da Câmara, Vida e Obra*, pp.8, 9.

¹⁹⁹ Ribeiro, Aquilino, *op.cit.*, idem.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p.13. Leal da Câmara retratou Marcelino em caricatura datada de 1897. Cf. Nascimento, Augusto do, *A Individualidade Multiforme de Leal da Câmara*, p. 121.

²⁰¹ AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p.95.

numa récita a favor dos soldados portugueses em França. Muitos outros tiveram apenas uma edição.²⁰²

Em 1903 foi a vez de *A Noite do Calvário* ser impedida, pela comissão de censura, de subir ao palco, tal como acontecera com *A Pérola*, cerca de vinte anos antes. Os censores argumentavam que o enredo do drama comprometia o bom nome e a privacidade de personalidades conhecidas da sociedade lisboeta. Naturalmente, a atitude desagradou profundamente ao autor que publicou n' *O Século* o seu protesto.²⁰³ Não aceitava mais esta proibição, tanto mais que a peça conseguira ser representada no ano anterior no Teatro Recreio do Rio de Janeiro, apesar de esforços diplomáticos para o impedir. Viria a ser reposta em 1907, no Teatro do Príncipe Real, sem mais impedimentos.²⁰⁴ António Mesquita aponta as intrigas e as más influências contra o irmão como factores que terão impedido *A Noite...* de ver a luz dos palcos durante quatro anos. Curiosamente, atribui a responsabilidade pela reposição à subida ao poder de João Franco: “mandou ler a peça e perguntou o que havia n'ela que justificasse a proibição, como lhe respondessem que nada, mandou levantar a interdição e a peça agradou”.²⁰⁵

Paralelamente, ia executando outros trabalhos, como a tradução livre de *A Rússia Vermelha*, de John Forster²⁰⁶ e a composição de *Primeiras Noções da História de Portugal*, um manual escolar para o ensino primário feito em parceria com Acácio Guimarães.²⁰⁷ Correspondia-se com autores estrangeiros, como é o caso de um médico e escritor de origem sefardita portuguesa, que assinava o pseudónimo Max Nordau.²⁰⁸ Trata-se de uma personagem que desperta alguma

²⁰² AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, pp.95-100. Braz Burity dá ainda notícia ainda de *O Mestre Régio*, farsa em um acto representada em 1904 no Teatro S. Carlos na festa de benefício do actor Vale. Cf. Madureira, Joaquim, *Impressões de Teatro*, p.369.

²⁰³ AAVV, *op. cit.*, p. 97.

²⁰⁴ *Idem, ibidem.*

²⁰⁵ Carta de António Mesquita a Maria Adelaide Castanheira, EDMM, pasta 20, doc. 3.

²⁰⁶ Fraser, John Forster, *A Rússia Vermelha*, Lisboa, «A Editora», 1908, 2ª edição, 223 páginas.

²⁰⁷ Teve uma primeira edição ainda no período monárquico (1908) e várias outras após a implantação da República e mesmo depois do desaparecimento do autor. AAVV, *idem*, p. 99.

²⁰⁸ Max Simon Süfeld (1849-1923), nascido em Budapeste, residiu sobretudo em França, mas também em Espanha. Desempenhou um papel importante no movimento sionista. Publicou as novelas *A Doença do Século*, 1888 e *Comédia do Sentimento*, 1891, bem como “obras onde aborda, numa óptica positivista, temas éticos e culturais”: *As Mentiras Convencionais da Civilização*, 1884, *A Interpretação da História*, 1909, entre outros trabalhos. Américo Monteiro, num estudo publicado em 2006, diz ainda que foi “autor de uma obra em muitos aspectos problemática, chocante mesmo e por vezes contraditória, está hoje quase esquecido, mas até à I Grande Guerra gozou do estatuto de grande celebridade” e marcou muitos autores portugueses, entre os quais Fernando Pessoa. Monteiro, Américo (coord.) “Max Nordau: *fin de siècle*, Dreyfus, Sionismo ... e Portugal”, *Cadernos do Cieg (Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos)*, nº 25, Coimbra, 2006 (com a colaboração de Cristoph Schulte).

curiosidade, manifestando incentivo e admiração pela obra literária de Marcelino. Parece ter havido entre ambos um contacto bastante estreito e prolongado, embora se desconheçam pormenores sobre a origem desse relacionamento.

Em vésperas da implantação da República, tem pronta a edição de *Margarida do Monte* - peça que retrata os ambiente da corte e episódios do reinado de D. João V - pedindo insistentemente a Teófilo Braga o obséquio de a prefaciar. As vicissitudes próprias do período revolucionário, no qual se conta o envolvimento directo do seu antigo mestre, condicionaram o lançamento do livro. Estava preparado para sair em Setembro de 1910, mas foi efectivamente publicado em Janeiro do ano seguinte, tendo o autor visto o seu desejo satisfeito, graças às suas prerrogativas e à bonomia de um muito atarefado Presidente do Governo Provisório.²⁰⁹

Entretanto, continuava a manter a colaboração com um considerável número de publicações periódicas, tendo regressado à direcção da *Comedia Portuguesa* durante o ano de 1902. Na composição dessa revista, contara com as colaborações do ilustrador Francisco Valença e dos escritores Teófilo Braga e Tomás Ribeiro, para citar apenas dois dos nomes mais sonantes. Pouco tempo depois, nos anos de 1904 e 1905, eram postos à venda numa edição monumental os três volumes (de 652, 678 e 701 páginas, respectivamente) da *Leonor Telles* agora elevada a romance histórico, com ilustrações a cores de Manuel de Macedo e Roque Gameiro.²¹⁰

As cartas pertencentes ao maço encontrado junto ao Casal dos Eucaliptos, confirmam detalhadamente a absorção pelo exercício da escrita, comprovando a dependência da criatividade, o esforço que emprega na composição, a angústia e a expectativa face ao lançamento de uma obra. Do mesmo modo ilustram a ligação umbilical ao centro dos acontecimentos culturais, com particular ênfase para o mundo do espectáculo cénico. Marcelino, que fazia questão de seguir de perto a encenação e representação das suas peças, revela que estava bem informado sobre o que se passava nos principais teatros, pois refere frequentemente os espaços do D. Maria, D. Amélia, Avenida e o Teatro da Rua dos Condes. Quando se encontra

²⁰⁹ Manteve-se a data de 1910 na publicação. Mesquita, Marcelino, *Margarida do Monte*, (Peça em 4 actos), Lisboa, «A Editora», 1910. Cf. FERRÃO, Antonio, “Quatro Cartas Ineditas. Quando Marcelino Mesquita escrevia a Teófilo Braga”, (recorte do *Diário Popular* datado de 17 de Junho de 1936), EDMM, pasta 1, doc.14.

²¹⁰ AAVV, *op. cit.*, p.99.

em Lisboa, procura assistir, só ou acompanhado do irmão ou da amante, às *premières*, seja dos seus contemporâneos (Henrik Ibsen, *Casa das Bonecas*; Júlio Dantas, *A Severa*), seja dos seus antepassados (Molière, *Médico à Força*. Também são mencionados Henrique Lopes de Mendonça,²¹¹ Rafael Bordalo Pinheiro e Salvador Marques,²¹² de quem foi amigo ou privou muito de perto.

Entrando mais uma vez pela esfera íntima de Marcelino e Alexandrina, constata-se a evolução de uma vida sentimental entre duas pessoas que mantiveram entre si laços de força equivalentes a um matrimónio, uma ligação que perdurou e marcou para sempre as suas existências. Esta asserção não anula, no entanto, a convicção de que essa ligação foi acidentada e de como o coração dele se rendia a impulsos amorosos vindos de outras partes. Um dos indícios mais evidentes dessa sentimentalidade, é a criação de um poema inspirado na paixão que nutriu por uma jovem com idade para ser sua neta que conheceu a bordo do navio que o conduziu ao Rio de Janeiro, já próximo do fim da vida.²¹³

Mas era com a sua *Baby* que partilhava preocupações sobre o que projectava escrever. “Queria fazer uma comédia de campo, simples, q[ue] era a maneira de me dar dinheiro e ser decentemente representada”.²¹⁴ É possível que estivesse a pensar n’*O Tio Pedro*, tragédia com referências às superstições do mundo rural.²¹⁵ Não se prende com horários nem respeita épocas festivas como o Natal ou o Ano Novo:

²¹¹ Henrique Lopes de Mendonça (1856- 1931). Poeta e escritor dramático, autor de *O Duque de Viseu*, *A Morta*, *A Estátua* entre outras obras. Celebrizado pela autoria da letra d’*A Portuguesa*, que veio a tornar-se hino nacional.

²¹² Salvador Marques da Silva (1844 - 1907). Natural de Alhandra, onde fundou, em 1865, o Teatro Tália Alhandrense. Instalado em Lisboa dedicou-se ao jornalismo, à produção e encenação de peças teatrais. Foi um empresário de grande nomeada, ligado à exploração dos teatros Avenida, Rua dos Condes, Príncipe Real, Avenida, Rato. Desempenhou funções de director literário da empresa do teatro D. Maria II entre outros e ainda autor de peças como *O Incêndio da Fragata Diana*, *As Ruas de Lisboa*, *Fidalgos e Operários*, entre outras.

²¹³ *O Grande Amor*, publicado ainda em vida do autor, em 1918, com o retrato da musa inspiradora na capa, assinado por Carlos Reis. Em 1925 já tinha tido uma 3ª edição, segundo Forjaz de Sampaio (*O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empreza do Diário de Notícias, 1925) Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 98. O exemplar depositado na Biblioteca Municipal do Cartaxo é o n° 1 da colecção AFRA, editado em Lisboa, pela Livraria J. Rodrigues e C.ª, 1927.

²¹⁴ Carta de Marcelino a Alexandrina, Pontével, 15 de Novembro de 1901.

²¹⁵ Peça em um acto estreada no Teatro D. Amélia em 24 de Março de 1902, com os actores João Rosa e Chaby Pinheiro no elenco. Cf. AAVV, *idem*, p. 97.

Sentei-me á meza ás 5 horas da tarde, depois de jantar e levantei-me ás 2 horas da noite. (...) É claro q[ue] não posso ir ahí amanhã. Ficará para o anno novo. Não posso perder um dia.²¹⁶

Para além dos ritmos de trabalho, aborda ainda os momentos de bloqueio, o pânico pelo esgotamento dos prazos, o medo que a peça não agrade e o dinheiro falte. Refere-se muito à figura de um visconde, de cujo parecer depende a aceitação do trabalho e a respectiva compensação.²¹⁷ O atraso da resposta aumenta-lhe a ansiedade e o receio de que o pagamento não venha. A impaciência não o deixa ficar de braços cruzados, tanto mais que lhe fariam muito arranjo cem libras de adiantamento. Por isso, informa que vai escrever-lhe mais uma vez, à cautela, “não queira ele fazer-me a partida de levar a peça no principio da epocha, sem me dizer nada”.²¹⁸

Não é muito frequente referir o título da peça que está a compor. Excepcionalmente, uma vez, quebra a regra e revela que a seguinte “chamar-se-ha Petronio: salvo se a empreza quizer no cartaz o titulo de Quo Vadis”.²¹⁹ As reflexões em torno do destino desta obra em concreto são oportunas e preciosas para situar cronologicamente o momento em que escreve. Fala do desejo de a poder apresentar no D. Amélia, mas no caso de não ser aí aceite, oferecê-la-á aos empresários do D. Maria, atrevendo-se a sugerir que o papel principal fosse representado por Ferreira da Silva.²²⁰

As cartas evidenciam bem o modo como o trabalho o condiciona e a insegurança monetária o afecta. Em certo momento informa que desiste de ir para Lisboa porque não tem “paciencia para Entrudos” e necessita de “estar só para poder trabalhar alguma coisa”.²²¹ Queixa-se de não conseguir acabar o fascículo, o que o impede de presentear a filha e de enviar os dez mil réis que prometera à companheira: “O meu dinheiro, n’este momento, são doze vintens. Tenho (...) que mandar primeiro para lá o fasciculo para me mandarem para cá dinheiro para

²¹⁶ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

²¹⁷ “Escrevo hoje ao Visconde a perguntar-lhe o dia em q[ue] posso ir lêr a peça”. Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

²¹⁸ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

²¹⁹ Idem, Ibidem.

²²⁰ A peça *Petrônio*, adaptada do romance *Quo Vadis* de Henri Sienkiewicz, foi, efectivamente, levada à cena no Teatro D. Amélia, a 8 de Março de 1901, mas não se tem a certeza se contou no elenco com Ferreira da Silva da companhia do D. Maria, casado com a célebre actriz Virgínia. Cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 97.

²²¹ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

poder ir”.²²² Mesmo assim encontram-se referências a honorários provenientes da actividade clínica: a dada altura pergunta à amante se “já tem signal de pagarem as vaccinas”,²²³ aludindo a um certo Tavares Cardoso. Noutra ocasião, pede que lhe façam chegar dez mil réis “se o Gomes mandar o dinheiro”.²²⁴

Directa ou indirectamente relacionadas com os problemas de natureza extrínseca, surgem referência a sintomas de mal-estar físico e indisposição. É frequente queixar-se de estar “muito inchado e com a cabeça sem força para trabalhar”²²⁵ ou “mal” e “impossível de cabeça”.²²⁶ Abusa do café e do tabaco, mandando recado para que lhos comprem em casas específicas.²²⁷ Exagera a tal ponto que chega a ficar doente: “Agradeço (...) o café mas creio que (...) me fez mal porque bebi quasi uma garrafa no primeiro dia. Estava com desejos de café bom”.²²⁸ Torna as culpas ao frio que, quando aperta, o deixa de rastos: “Alguma coisa concorrerá para me atrapalhar o coração”.²²⁹

É ainda essa correspondência que testemunha, em primeira instância, o emergir de uma enfermidade que lhe causará grande sofrimento, acompanhando-o quase até ao fim da vida: “um tumor (...) que começa a fazer das suas” e lhe dá um péssimo aspecto, apesar de não lhe afectar o apetite.²³⁰ O desconforto da casa e os rigores do clima não o arrancam da sua Ribeira, mesmo quando cai “geada de palmo (...) faz frio de rachar pedras”²³¹ que lhe trazem a “vontade de se safar”²³² para o ambiente mais ameno de Lisboa. Assim como assim, não há mal que sempre dure e vale a pena disfrutar de outras épocas em que “o tempo está delicioso “ com “dias e noites lindos”²³³ e “calor que parece de verão”.²³⁴

Albino Forjaz de Sampaio, referindo-se, mais tarde, à figura do dramaturgo, confirma que foi operado a “um cancro da língua (...) pelo eminente professor Dr. Custodio Cabeça”, cerca de nove anos antes de falecer. A operação

²²² Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

²²³ Idem, ibidem.

²²⁴ Idem, ibidem. O nome sugere o de um colega médico a quem Marcelino se refere na correspondência que enviava para Alexandrina, quando esta se encontrava em Montelavar, no Verão de 1892.

²²⁵ Carta de Marcelino a Alexandrina, s/l, s/d.

²²⁶ Idem, ibidem.

²²⁷ Idem, ibidem. Pede que lhe avie cigarros *Nazir* na *Tabacaria Americana*.

²²⁸ Idem, ibidem.

²²⁹ Idem, Pontével, 29 de Janeiro de 1901.

²³⁰ Idem, s/l, s/d.

²³¹ Idem, s/l, s/d.

²³² Idem, s/l, s/d.

²³³ Idem, s/l, s/d.

²³⁴ Idem, s/l, s/d.

devia ter sido bem sucedida, uma vez que se dá a entender que a causa da morte nada teve a ver com essa intervenção: “Nada fazia prever que a sua vida fosse tão curta”.²³⁵

A correspondência de Marcelino para a Rua do Cabo interrompe-se abruptamente em 1903. Esgotar-se-iam nessa data as notícias referentes à evolução das suas vidas, não fosse o acervo do Casal dos Eucaliptos disponibilizar mais dois apreciáveis maços de cartas. Ambos os conjuntos fornecem pistas sobre o desenvolvimento do percurso de cada um dos protagonistas: um de remetente misterioso e outro destinado a Inês por seu pai.

O primeiro grupo é composto por meia dúzia de cartas dactilografadas em papel fino com o timbre da casa *Ayres d’Ornellas e Cysneiros* da Figueira da Foz. Dirigem-se a D. Alexandrina Alves Ferreira com morada na Estrada da Cela, arredores da Nazaré e ostentam uma assinatura que apenas permite identificar o apelido do autor da carta: *Ayres*. Abrangem um período compreendido entre Novembro de 1913 e Janeiro de 1914. A referência à infecção de febre tifóide contraída por *Tininha*, permite supor que se trate de um médico amigo que vai perguntando pelo seu estado, dando palpites e indicações sobre a evolução e o tratamento da convalescente.

Marcelino gostava de passar o Verão naquela zona, havendo, inclusivé, notícia de um escrito intitulado *A Nazareth. O Sítio e Praia*, publicado em 1913.²³⁶ Seria fácil admitir que se encontrava junto da família no momento da eclosão da doença, mas há elementos que fazem duvidar dessa proximidade. Existem, de facto, dois postais que escreveu à filha, o primeiro para a Quinta da Ribeira e o seguinte para a morada de Lisboa, na Rua das Amoreiras. No primeiro, afirma que tem que sair do hotel onde se encontra, na Nazaré, porque está “tudo doente” e “imundo”, não havendo criados para assegurar o serviço.²³⁷ No segundo postal, datado de 30 de Janeiro de 1914, mencionava a doença dela, perguntando pelas suas melhoras e acusando uma espécie de despeito: “Estranhei não me teres escripto por ser natural que eu quizesse logo noticias da consulta. Eu previa o que o Nery disse e já o tinha dito, mas santos de caza não fazem

²³⁵ Sampaio, Albino Forjaz de, (Dir.) *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empresa do Diário de Notícias, 1925 (texto não paginado).

²³⁶ Sampaio, Albino Forjaz de, *op. cit.*, idem.

²³⁷ Postal de Marcelino para Inês Mesquita, Nazaré, s/d.

milagres.”²³⁸ Nesta fase, *Tininha* devia estar já recuperada, uma vez que o pai lhe enviava ingressos para o *Republica* e o *Colyseu*, com a recomendação de que “é preciso subscriptal-os para os dois empregados”.²³⁹

Este grupo de mensagens fornece elementos que enriquecem a compreensão do quotidiano dos intervenientes. Parece haver uma maior cumplicidade com a filha que se transformava numa espécie de amiga e confidente do pai. Este encarrega-a de trazer os cigarros “Nazir”, “uma torcida para o fogão do Depósito do Camões”.²⁴⁰ Conta-lhe também peripécias sobre as pessoas que frequentam ou trabalham na quinta, o cavalo que monta e os inseparáveis cães:

A canzoada não me deixa. Vem toda para o escriptorio, até o Nero. A Micas rosna, mas lá se acomoda.²⁴¹

Algumas mensagens que escreveu à filha nos primeiros meses de 1918 dão testemunho de uma deslocação a França e Inglaterra nessa altura. Referem-se à demanda de cenários de miséria e desolação, nos atribulados anos da Primeira Guerra Mundial, mas não adiantam pormenores sobre a natureza da missão. Num deles, Marcelino queixa-se de que a viagem foi penosa e atribulada - “quarenta e cinco dias no mar, aos tombos”.²⁴² As cartas exibem timbres de hotéis, como o *Bedford*, em Paris, ou o *Excelsior-Hotel du Monde*, em Bayonne e não transmitem mais do que impressões passageiras sobre os lugares onde estava e as saudades que sentia da pátria:

Tempo sempre detestavel. Neva sempre aqui. Em Londres, tem graça, dois dias lindos de sol. (...) É bella Londres, mas rude, aspera. Paris é mais suave... é já Europa. (...) Anceio por chegar. Que lindo é Portugal. Que suavidade de vida. O que por aqui se come e se bebe! (...) Sei que é inverno e é guerra; mas calcula-se o que será na paz”.²⁴³

²³⁸ Postal de Marcelino para Inês Mesquita, s/l, 30 de Janeiro de 1914.

²³⁹ Idem, s/l, 30 de Janeiro de 1914.

²⁴⁰ Idem, Pontével, 7 de Fevereiro de 1914.

²⁴¹ Idem, s/l, s/d. (Tem o timbre do dramaturgo).

²⁴² “45 dias”, no original. Idem, Paris, 2 de Março de 1918.

²⁴³ Idem, Ibidem.

Pouco mais de uma semana volvida sobre a última missiva, encontrava-se já em Bayonne, “bom de saúde ainda que n’um estado nervoso excessivo, farto de viajar á força”.²⁴⁴ A revelação de que iria demorar-se em Lisboa apenas o tempo suficiente para esperar que lhe pagassem as passagens e o tempo gasto em excesso, entende-se como prova de uma missão de carácter oficial ou diplomático.²⁴⁵ Quando, finalmente, chega a Portugal, envia um cartão com o timbre do *Gremio Litterario* para a filha que está em Pontével.²⁴⁶ A mensagem comprova um nível de vida mais folgado: *Tininha* adquirira um automóvel. Mas o pai desaconselhava-a de o vir buscar a Lisboa, porque alguém lhe dissera que “as estradas estão más e então não vale a pena gastar dinheiro para arranjar maçadas”.²⁴⁷ Recomenda-lhe antes que o espere no Setil e que mande a carroça ao Reguengo, “porque a mala grande não cabe no automovel”.²⁴⁸

Reitera-se neste ponto a importância da correspondência encontrada junto à residência do neto de Marcelino, resultado do despejo da casa, dando testemunho de deslocções que parecem ter escapado ao conhecimento de quem até agora lhe investigou a vida. É o caso de uma passagem por Madrid que se constata uma alusão lida num postal ilustrado remetido por Max Nordau, em 1915.²⁴⁹

Todas as publicações compulsadas na primeira fase da pesquisa para a elaboração deste trabalho foram unânimes em comprovar a realização de uma única viagem oficial ao Brasil. A deslocção deu-se nos finais do ano de 1917, integrada numa “Missão Cultural do Governo Português”.²⁵⁰ O consagrado

²⁴⁴ Carta de Marcelino para Inês Mesquita, Bayonne, 11 de Março de 1918.

²⁴⁵ Idem, *ibidem*.

²⁴⁶ Segundo o Diploma exposto na Sala de Leitura da Biblioteca Municipal, Marcelino tinha sido integrado na Academia de Ciências em 14 de Junho de 1916.

²⁴⁷ Carta de Marcelino para Inês Mesquita, Lisboa, 18 de Março de 1918.

²⁴⁸ Idem, *ibidem*. É difícil de justificar actualmente esta disparidade de apeadeiros. Depreende-se que o desembarque de bagagens mais pesadas se processasse no Reguengo, estação precedente do Setil no sentido Lisboa - Porto.

²⁴⁹ “Moi aussi je regrette beaucoup de ne vous avoir pas vu lors de votre passage à Madrid”. Postal de Max Nordau a Marcelino Mesquita, Madrid, 26 de Junho de 1915.

²⁵⁰ A informação é dada por Duarte Ivo Cruz. Cf. “Introdução” in Mesquita, Marcelino, *Teatro Completo*, vol. I, p. 43. Outros situam essa viagem em 1918 (cf. AAVV, *Marcelino Mesquita. Edição Comemorativa dos 150 anos*, p. 43). A descoberta de um importante documento no espólio vem tirar todas as dúvidas sobre esta e outras viagens. Trata-se de um passaporte passado pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros que faz saber que “parte para a República dos Estados-Unidos do Brasil o sr. Doutor Marcelino Mesquita, em missão do governo”. É datado de 14 de Novembro de 1917 e assinado pelo Director Geral do Gabinete (assinatura não decifrada). No verso ostenta carimbos das embaixadas brasileira e francesa e do consulado britânico com datas de Novembro de 1917 e Janeiro e Fevereiro de 1918 que atestam que o circuito foi, provavelmente, o seguinte: Portugal, Brasil, França, Inglaterra, França, Espanha, Portugal. EDMM, Dossier, doc. 19.

dramaturgo parecia então merecer alguma distinção, por parte do governo republicano. A embaixada encontra-se bem documentada no espólio fotográfico do escritor guardado no Cartaxo. Referindo-se ao modo como decorreu, Forjaz de Sampaio, descreveu-a como polémica, porque “um governo os mandou ir, outro governo os mandou regressar”.²⁵¹ O registo parece comprovar a pouco calorosa recepção que Marcelino encontrou nas terras de Vera Cruz, como consequência de algumas declarações menos felizes. Marcelino, esperado com tanto interesse, teceu aos órgãos de imprensa, afirmações aviltantes para os brasileiros, por exemplo: “Não se deve esquecer que, moralmente, o portuguez muito tem feito pelo Brazil e muito faz afastando a concorrência das outras colonias estrangeiras”.²⁵² Apesar da *gaffe*, a viagem saldou-se por uma forte inspiração sentimental que se materializou na publicação de um livro de poemas que veio a tornar-se um sucesso editorial.

Pelo compulsar dos últimos registos pessoais, é possível depreender que aos 62 anos Marcelino mantivesse o ritmo da sua actividade literária e artística, continuando a mostrar-se crítico em relação ao que achava mal, particularmente, no que respeitava ao universo teatral e cultural. Preocupava-se com a falta de condições em que continuavam a viver os trabalhadores do espectáculo, sem excepção, desde o camaroteiro ao cabeça de cartaz. Acusava as deficiências do sistema de educação e de instrução pública, que considerava determinantes na formação do cidadão e na valorização do gosto pela arte. Numa carta com o timbre do Grémio Literário, parcialmente transcrita por Duarte Ivo Cruz, expõe ao Secretário de Estado da Instrução de então as linhas-mestras do seu desencanto.²⁵³ A nomeação para o cargo de vogal da comissão de reforma do Teatro Nacional D. Maria II, em Outubro de 1918, foi certamente a consequência mais lógica e imediata dessa importante missiva.²⁵⁴

A vida não lhe consentiu a oportunidade de dar o contributo que dele se esperaria no órgão para que acabara de ser designado. Receberia ainda, em Abril de 1919, um convite na qualidade de “um dos membros mais prestigiados” da

²⁵¹ Referia-se à instabilidade governativa da época e acrescentava também que na missão cultural figuravam os nomes de Alexandre Braga, Fausto Guedes Teixeira e Augusto Gil. Cf. Sampaio, Albino Forjaz de, *O Teatro. Marcelino Mesquita. A sua vida e a sua obra*, col. Patrícia, Lisboa, Empreza do Diário de Notícias, 1925.

²⁵² Recorte de jornal brasileiro não identificado in EDMM, Dossier 2, doc. 19.

²⁵³ Cruz, Duarte Ivo, “Introdução”, in Mesquita, M., *Teatro Completo*, vol. I, pp. 48, 49.

²⁵⁴ Sequeira, Gustavo Matos, *História do Teatro Nacional de D. Maria II*, vol. II, Lisboa, 1955, pp. 528-529, *apud idem, ibidem* p. 12.

Academia de Ciências, para participar numa cerimónia honorífica na Universidade de Coimbra.²⁵⁵

A de 8 de Julho de 1919, *O Século* anunciava o óbito ocorrido no dia anterior. Muitos outros diários se referiram com sentida mágoa à perda do escritor, lavrando as notas mais elogiosas sobre a sua figura e a sua obra. A *Manhã*, fazendo-se eco de outros jornais, informava: “Com o autor da *Leonor Teles* desaparece a maior figura do teatro português moderno”.²⁵⁶ As fachadas dos teatros de Lisboa cobriram-se de crepes negros, suspendendo as representações. O jornalista Motta Cabral recordou, anos mais tarde, a última visão do escritor vivo, a caminho do Hospital de S. José “em automóvel aberto”, já aflito, “mas apumado ainda”.²⁵⁷ Suspirou pela última vez no quarto da sua residência da Rua das Amoreiras, com a filha à cabeceira.²⁵⁸

Também Domingos Leite Pereira, Presidente da Câmara dos Deputados, mandou proceder à interrupção dos trabalhos para dar conhecimento do falecimento do “ilustre escritor” e apelar à congregação de um “voto de sentimento”. De seguida, usaram da palavra dois deputados: Ramada Curto, também dramaturgo, jornalista e com fortes ligações ao Cartaxo²⁵⁹ e António José de Almeida. O primeiro confessou-se emocionado com o desaparecimento do amigo que “foi em Portugal uma brilhante e lucidíssima inteligência, [apoiados] uma inteligência sempre moça, duma graça alada, sempre nobre, das mais belas, das mais vivas encarnações do espírito”.²⁶⁰ Por sua vez, António José de Almeida teceu elogios àquele “que era neste momento o mais alto representante da arte divina que fez a crítica sensacional da vida duma sociedade sobre as tábuas dum palco teatral”. O discurso prossegue, ainda, com referências que apetece destacar a propósito da “alta envergadura intelectual (...) que precisa de ser interpretado à luz duma filosofia diferente daquela que costuma orientar a crítica literária em

²⁵⁵ EDMM, pasta 14, ofício nº 382, Lisboa, 25 de Abril de 1919.

²⁵⁶ *A Manhã*, 8 de Julho de 1919.

²⁵⁷ Cabral, Motta, *Notas Soltas Sobre Marcelino Mesquita*. (Edição comemorativa do centenário). Cartaxo, 1956, p.10.

²⁵⁸ Cabral, Motta, *op. cit.*, ibidem.

²⁵⁹ Amílcar da Silva Ramada Curto (1886 - 1961), nasceu em Lisboa, mas tinha residência no concelho do Cartaxo, mais precisamente na freguesia de Vale da Pinta, que conserva a sua memória toponímica. Apesar de 30 anos mais novo, foi amigo de Marcelino e, como ele, publicou muitas peças de teatro.

²⁶⁰ Discurso de Ramada Curto in *Diário da Câmara dos Deputados*, Acta 20, 7 de Julho de 1919.

Portugal”.²⁶¹ Em nenhum momento, contudo, se encontra uma alusão à passagem de Marcelino Mesquita pelas bancadas parlamentares.

O registo de óbito aponta paralisia da laringe (asfixia) como causa de morte, podendo estar associada ao surto de gripe pneumónica que assolou o país nessa época, mas não há nenhum registo que o comprove. O féretro foi transportado de automóvel, primeiro para a Quinta da Ribeira, em Pontével, daqui saindo para o cemitério do Cartaxo, ficando depositado numa campa rasa sem qualquer inscrição identificativa.

²⁶¹ Discurso de António José de Almeida in in *Diário da Câmara dos Deputados*, Acta 20, 7 de Julho de 1919.